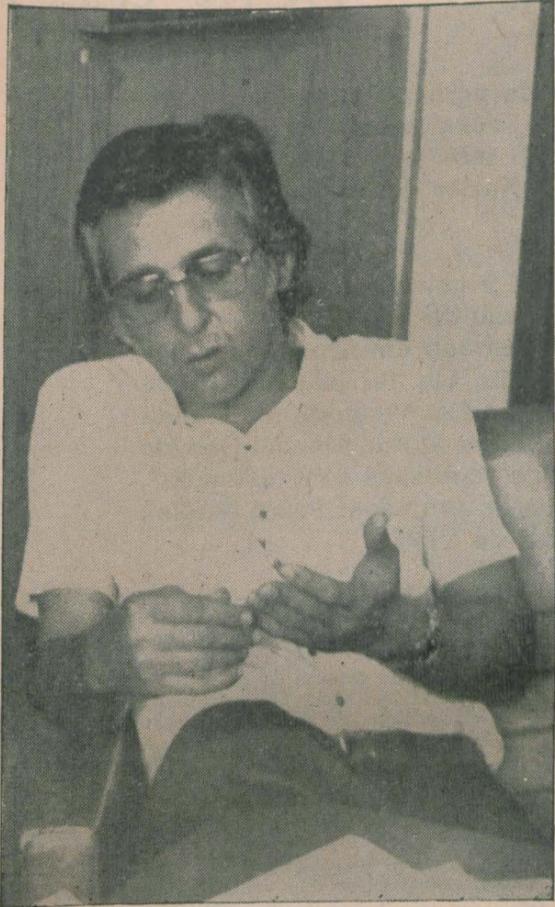
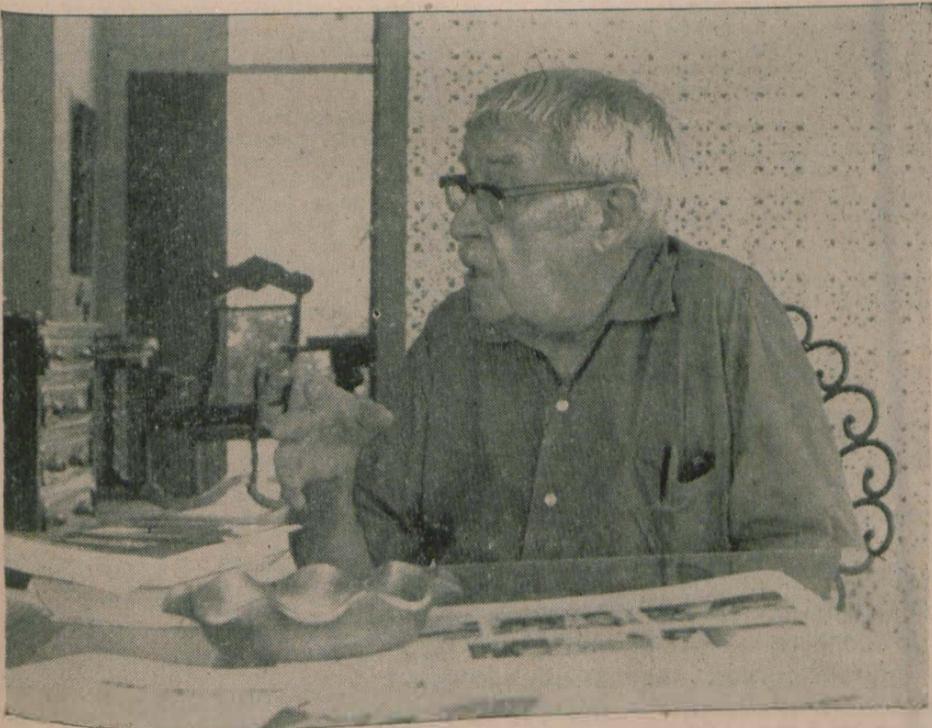


Professor: nome da terra está usurpado



Em aulas preparadas exclusivamente para o Programa Estudo de Problemas Brasileiros, sob os títulos "O Homem e o Mar", "Recursos Marinhos e Efeitos da Poluição", e "Os Recursos Marinhos do Brasil", o professor Lourinaldo Cavalcanti, diretor do Lacimar, faz uma análise profunda dos temas, a ponto de sugerir, entre outros aspectos, que o nosso planeta tem um nome usurpado. Na realidade, deveria chamar-se Oceano, já que o mar ocupa sete das décimas partes de sua superfície. Com efeito, as terras só constituem arquipélagos de várias dimensões: América, África, Europa, Ásia. (págs. 4 e 5)

Cavalcanti aponta as falhas do nosso cinema



O cineasta Alberto Cavalcanti, conhecido internacionalmente, sobretudo a partir do sucesso da sua obra *O Canto do Mar*, declarou, no Recife, que o cinema brasileiro ainda não atingiu um estágio satisfatório, "tanto que não é

aceito fora do Brasil". Ele fala sobre o assunto, amplamente, na 6.ª pág., inclusive aborda o problema do erotismo no cinema e na televisão e a influência de um sobre o outro. (Pág. 6)

Médico analisa em tese a tendência suicida do homem



JORNAL UNIVERSITÁRIO

ÓRGÃO OFICIAL DA U.F.P.E.

N.º 10

RECIFE — JUNHO — 1975

ANO VII

Banco de Olhos recebe o apoio dos pernambucanos



O primeiro Banco de Olhos do Nordeste, criado em convênio entre o Lions Clube-Parnamirim-UFPE, foi instalado oficialmente este mês, nas dependências da Clínica de Oftalmologia, no Hospital das Clínicas, em cerimônia que contou com a presença de altas

autoridades civis, militares e universitárias. Na foto, o general Carlos Alberto Cabral Ribeiro, ex-comandante da 7ª Região Militar, um dos incentivadores para a criação do Banco de Olhos, proferindo discurso. (pág. 3)

Evolução açucareira é analisada

O professor José Bonifácio Xavier de Andrade, da Universidade Federal de Pernambuco, defendendo tese de Mestrado em Sociologia, estudou a evolução sócio-econômica da agro-indústria açucareira do Estado, e demonstrou a importância da substituição do "banguê pela usina", concluindo que, apesar disso, a agro-indústria açucareira "jamais foi plenamente autônoma". (Pág. 2)

Embaixador visita Reitoria e faz doação de livros à UFPE



Ao fazer a doação de 130 livros sobre os diversos aspectos da sociedade norte-americana, abrangendo as artes, literatura, história, música, etc., à Biblioteca Central da UFPE, durante visita que fez ao reitor Marcionilo Lins, este mês, o embaixador dos EUA no Brasil, diplomata John Hugh Crimmins destacou os laços de amizade entre os dois países. "Estes livros representam mais um elo nas relações entre o meu país e o Brasil" — declarou. O professor Marcionilo Lins lembrou o relacionamento da UFPE com instituições norte-americanas, principalmente as situadas no Estado da Georgia, ao agradecer a atenção do embaixador.

"A maioria das pessoas normais já pensou alguma vez na sua própria destruição". É o que afirma o professor Othon Coelho Bastos Filho, do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da UFPE, na sua tese "Comportamentos Suicidas em uma Unidade Psiquiátrica de um Hospital Universitário", para obtenção do grau de Livre-Docente. Trata-se de uma abordagem muito séria desta dolorosa tendência do comportamento humano. Paralelamente, outros sete trabalhos foram apresentados com a mesma finalidade, por parte dos professores Zaldo Rocha, Maria das Mercês, Ayrton Ponce, José Falcão, Meraldo Zisman, Machado Ferraz e Porto Carreiro Junior. (págs. 8 e 9)

Letras faz homenagem a Thomas Mann

O centenário do escritor alemão Thomas Mann — filho de mãe brasileira — foi comemorado pela UFPE (Instituto de Letras) durante uma semana de estudos que contou com a participação de eminentes estudiosos, entre eles Ariano Suassuna, Cesar Leal, Leônidas Câmara, Vamireh Chacon e Georg Brauer (pág. 14)

As caldas das usinas como agente poluidor

NEWTON OLIVEIRA

A poluição nos rios de Pernambuco está atingindo proporções alarmantes, que comprometem a flora e fauna estuarinas em muitas regiões. Difícil é o rio em Pernambuco que seja piscoso.

Para se ter uma idéia da extensão da calamidade, em 1954, Bezerra Coutinho, em seu trabalho *Os cursos d'água e os resíduos industriais* faz uma referência que, "em São Lourenço, nos fins do século passado, na exposição do rol das rendas da cidade, havia o registro de alguns contos de réis, renda proveniente da cobrança de imposto sobre o peixe pescado no Capibaribe".

Ressalta ainda o fato de que "o tributo pesa apenas sobre uma fração mínima do que realmente foi pescado". Isso porque o imposto incide somente sobre o peixe posto à venda, devendo-se levar em conta aqueles que são consumidos pelos próprios pescadores".

O que é de estarrecer é ver os tentáculos do progresso estendendo seus braços poluidores a todas as regiões. Claro que, de modo algum, o progresso é um mal, mas sem estruturação nem planejamento, e, sim, rotulado como progresso, traz perdas irreparáveis ao meio ambiente, trazendo um desequilíbrio permanente ao ecossistema. O homem está destruindo a sua maior fonte de alimentação, em nome ou a troca do progresso. Até que ponto valerá a pena?

Vale lembrar que, não há muito tempo, as usinas de açúcar tinham como resíduo o bagaço da cana.

Com a implantação em Pernambuco das fábricas de papel, aquele material considerado como resíduo passou a ser uma das matérias primas básicas na fabricação de papel, extração de celulose, etc...

Durante quanto tempo, tanta matéria prima foi desperdiçada?

Desde há muito, as caldas das usinas representam um dos agentes poluidores dos rios do Nordeste.

A calda é o mosto que no processo de destilação é esgotado e considerado como resíduo, e como tal lançado aos rios, provocando poluição.

A calda lançada aos rios provocará um abaixamento no teor de oxigênio livre, que é vital à vida dos peixes.

Esse abaixamento é consequência de um processo de oxidação, em que a calda, sendo constituída basicamente de matéria orgânica, necessita, para sua decomposição, do oxigênio.

Este oxigênio a que se chama livre, é o oxigênio não combinado, isto é, que não esteja preso a outros átomos ou grupos de átomos.

Há o duplo problema trazido pelo despejo das caldas nos rios: primeiro, o consumo total (em muitos casos) do oxigênio livre, que traz como consequência a morte, por asfixia, aos peixes. O segundo faz com que a calda turve a água, dificultando a penetração dos raios solares e impedindo que se processe a realização da fotossíntese pelas algas que, pode-se considerar são o início de todo ciclo biológico marinho.

Um outro aspecto é a proliferação de determinadas espécies de insetos que fazem das águas do rio o depositário de seus ovos que, ao eclodirem, libertam larvas que não dependem do oxigênio livre na água e que, sem a presença dos peixes larvofagos, irão com certeza quase absoluta, causar pragas as mais diversas.

Afora esses problemas, há ainda o bacteriológico, pois as caldas, depois de um determinado tempo, não será mais caldas, e sim um caldo de cultura de gêneros e espécies de bactérias das mais variadas que provavelmente implicarão em surtos epidêmicos.

É bem verdade que o grau de poluição vai depender de vários fatores, como a quantidade de calda lançada em função da vazão do rio. O que normalmente se verifica é a quantidade de calda lançada ser maior que a quantidade de oxigênio em disponibilidade, que o rio possa ter. Deve ainda levar em conta que o teor de oxigênio obedece, a limites fixos de concentração, em função da temperatura e salinidade, não podendo haver uma reserva. Atingido o limite máximo de saturação, o oxigênio passa a ser cedido à nossa atmosfera.

Levando-se em conta o somatório dos despejos das usinas ao longo do curso de um rio, o que normalmente se verifica, pois raro é o rio que não comporte mais de uma usina, então ver-se-á que o processo poluidor não permite sequer uma autodepuração.

É a extinção completa de todo ser vivo, exceção feita às bactérias e larvas de insetos.

Para se ter idéia da extensão da calamidade, é bom lembrar que em nosso Estado há rio com suas águas impréstáveis até para refrigeração das máquinas das indústrias instaladas às suas margens, tal o grau de poluição que já atingiram.

Será que não vale a pena despertar-se para esse problema?

Urge que se faça uma depuração ou pelo menos dê tréguas para que essa depuração se processe e a consequente reposição das espécies já desaparecidas mas ainda não extintas.

Se é que ainda haja tempo...

Sociólogo estuda substituição do engenho banguê pela usina

A evolução sócio-econômica da agro-indústria açucareira de Pernambuco, especialmente a substituição do engenho banguê pela usina, foi estudada em tese recentemente elaborada pelo professor José Bonifácio Xavier de Andrade, da Universidade Federal de Pernambuco.

A tese, sob o título "Do banguê à usina em Pernambuco", foi apresentada para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, pelo Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia (PIMES), desta Universidade. Ela foi julgada no dia 19 de junho último, por uma Comissão Examinadora constituída pelos professores Roberto Mauro Cortez Motta, Manoel Correia de Andrade e Lia Parente, tendo sido "aprovada com distinção", em ato que contou com a presença do professor Paulo Maciel, Pró-Reitor de Intercâmbio Científico da UFPE.

QUEM É?

O professor Bonifácio Andrade bacharelou-se em Ciências Sociais, por esta Universidade, em 1966, e logo no ano seguinte começou a lecionar nesta mesma Universidade. Foi professor horista durante os anos de 1967 a 1970, tendo sido contratado em 1971, após submeter-se a concurso público para a disciplina de Sociologia.

Durante muitos anos o professor Bonifácio Andrade acumulou as atividades docentes na UFPE com a de técnico do CONDEPE, órgão de planejamento do Governo do Estado de Pernambuco. Ingressou nessa entidade em 1961, quando estudante secundarista passando a auxiliar-técnico quando se tornou aluno universitário, e a técnico quando concluiu o curso superior. No CONDEPE exerceu variadas atividades, participando da elaboração de vários planos e projetos, e por duas vezes ocupou chefias técnicas.

Nos últimos anos o professor Bonifácio Andrade colaborou também com escritórios particulares de planejamento, participando da elaboração de mais de uma dezena de planos de desenvolvimento local, e de outros trabalhos realizados por tais escritórios. Quando adolescente trabalhou como repórter de jornais diários recifenses e colaborou em pesquisas sociais. Estudante universitário, acumulou as atividades de assistente e de auxiliar técnico do CONDEPE com a de professor de nível médio.

Publicou diversos artigos em revistas especializadas de Pernambuco e do Sul do País, sobre assuntos vários, tais como teorias de estratificação social, educação, demografia e outros, além de ser co-autor de um grande número de trabalhos publicados.

Nos anos de 1972 e 1973 o professor Bonifácio Andrade esteve licenciado do CONDEPE para fazer o Curso de Mestrado em Sociologia, do PIMES. Reassumiu suas atividades naquela entidade em dezembro de 1973 e em setembro de 1974 rescindiu o contrato para, no mês seguinte, passar para o regime de tempo integral e dedicação exclusiva na Universidade Federal de Pernambuco. Iniciou então o preparo da tese com a qual obteve o grau de Mestre em Sociologia.

A TESE

No primeiro capítulo de "Do banguê à usina em Pernambuco" o professor Bonifácio Andrade refere-se à importância do assunto e à razão de seu interesse pelo mesmo, além de tratar dos aspectos metodológicos e conceituais.

No segundo capítulo aborda a evolução da agro-indústria açucareira em Pernambuco, de sua implantação, no século XVI, até meados do século passado, e descreve a estrutura de estratificação social no Pernambuco Açucareiro da metade do século XIX. No quarto capítulo mostra a evolução sócio-econômica dessa área durante a primeira metade do século atual e a estrutura de estratificação social desse segmento da sociedade brasileira em torno de 1950. Os aspectos mais relevantes do processo de transformação da estrutura de estratificação social do Pernambuco Açucareiro em meados do século XIX naquela dos meados do século XX, isto é, a Abolição da Escravatura e a implantação da usina, são tratados no terceiro capítulo.

No quinto capítulo são abordadas a questão agrária e a agitação social nos inícios da década de 1960, enquanto que

no sexto capítulo é analisada a evolução recente da agro-indústria açucareira em Pernambuco. O sétimo capítulo é constituído por um resumo e pelas conclusões.

Mais de três dezenas de tabelas estatísticas são reunidas em um adendo. E em cinco outros adendos são apresentados depoimentos de dois ex-presidentes do Instituto do Açúcar e do Alcool, o professor Paulo Maciel e Gileno Dé Carli; e da diretoria do Sindicato das Indústrias do Açúcar (usineiros) de Pernambuco, do presidente da Associação dos Fornecedoros de Cana de Pernambuco e do presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco.

O professor Bonifácio Andrade, que se coloca em uma posição metodológica que os sociólogos denominam histórico-estrutural, utilizou informações obtidas através daqueles depoimentos mencionados, através de entrevistas rápidas com pessoas que como empresários ou assalariados trabalham na agro-indústria do açúcar, através de observação direta e através da consulta a grande número de textos escritos, publicados e não publicados. A bibliografia que constitui a última parte da tese arrola apenas os trabalhos publicados que foram citados, em número superior a cento e cinquenta.

CONCLUSÕES

Das conclusões apresentadas pelo professor Bonifácio Andrade, no último capítulo de "Do banguê à usina em Pernambuco", podem ser destacadas as seguintes:

"a) Da implantação até os dias atuais, apesar de sua dinâmica interna — e uma dinâmica interna é inerente a qualquer realidade social, em virtude da atuação das forças contraditórias nela existentes — a agro-indústria do açúcar no Pernambuco Açucareiro jamais foi plenamente autônoma, no sentido de que sempre dependeu de decisões fora dele.

"b) A substituição do engenho banguê pela usina, com a transformação do senhor de engenho em fornecedor de cana, e o atualmente ocorrente processo de intensificação da concentração do capital, são aspectos dos amplos processos de mudança social através dos quais o Pernambuco Açucareiro, acompanhando o Brasil, conjunto mais amplo que o contém, se adaptou no passado e está se adaptando no presente a novas condições econômicas internacionais.

"c) As mudanças sociais ocorridas no Pernambuco Açucareiro foram dirigidas e/ou estimuladas e/ou consentidas pela classe dominante e realizadas de forma que, embora tendo provocado mudanças de posição social dentro dessa mesma classe dominante, não modificou as posições de classe.

"d) A propriedade dos meios de produção no Pernambuco Açucareiro proporciona um poder mais amplo do que aquele que se poderia chamar de poder econômico, um poder social capaz de impedir modificação significativa na estrutura de posse desses próprios meios de produção, ou em outras palavras, essa estrutura de posse dos meios de produção gera forças e mobiliza outras não geradas diretamente por eles, que impedem a modificação significativa dela própria".

Engenharia e Eletrobrás promovem série de cursos

A Escola de Engenharia engenheiro Luis Carlos Menezes, diretor-geral do Deptº Nacional de Engenharia Elétrica, em sessão presidida pelo reitor Marcionilo Lins e que contou com a presença do vênio firmado entre aquela Unidade da Universidade e a Eletrobrás. A conferência de abertura foi pronunciada pelo engenheiro Luis Carlos Menezes, diretor-geral do Deptº Nacional de Engenharia Elétrica, em sessão presidida pelo reitor Marcionilo Lins e que contou com a presença do vênio firmado entre aquela Unidade da Universidade e a Eletrobrás. A conferência de abertura foi pronunciada pelo

dades convidadas, técnicos e estudantes. Os cursos são extensivos a técnicos graduados em Engenharia, do Norte e Nordeste, sob a coordenação do prof. José Rildo Marques Almeida, coadjuvado pela professora Luciana Altino.

Reitor	Professor Marclonilo de Barros Lins
Vice-Reitor	Professor Rômulo Maciel
Pró-Reitor Comunitário	Professor Armando Ribeiro Samico
Diretor do DEC	Professor Marcos Albuquerque
Redator-Chefe	Manoel Neto Teixeira
Repórteres	Raimundo Carrero
.....	Ângelo Monteiro
.....	José Carlos Targino
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho
Diagramação	Josias Florencio da Silva

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural, Órgão da Pró-Reitoria Comunitária, como o veículo oficial da Universidade Federal de Pernambuco. Livros, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação do JU, Reitoria 2.º andar, Cidade Universitária.

Jornalismo, a história de cada dia

Há um consenso de que o jornalismo é a história do presente. Principalmente quando se trata de um jornalismo responsável, sem a preocupação dirigida para o sensacionalismo "fabricado" mas, o verdadeiro jornalismo, tão somente voltado para os fatos, descrevendo-os e interpretando-os com isenção.

Os arquivos dos jornais, principalmente os que circulam há muito tempo, servem de fonte de pesquisa para os estudiosos e interessados em determinados assuntos e, inclusive, são utilizados pelos próprios historiadores, que encontram neles subsídios valiosos para a formulação dos seus trabalhos, colhendo dados sobre fatos e acontecimentos que, direta ou indiretamente, são inseridos no contexto da História.

Por entender assim, a atual direção do Departamento de Extensão Cultural instalou um sistema de arquivo para o JORNAL UNIVERSITÁRIO, no qual são selecionados os assuntos, levando-se em conta as áreas de conhecimento e cada Unidade de ensino e pesquisa da Universidade. Não ousaríamos argumentar que dispomos no nosso arquivo de material contendo toda a história da UFPE. Não chegaríamos a tanto, tendo em vista que este órgão de comunicação começou a circular exatamente em agosto de 1967, data em que, com o apoio do então reitor Murilo Guimarães, do diretor do Departamento de Extensão Cultural, Professor Newton Sucupira, além de um grupo de jornalistas liderado pelo poeta, jornalista e professor Cesar

Leal, foi o JU fundado como órgão oficial de divulgação da Universidade Federal de Pernambuco.

A partir daquela data, podemos assegurar que os principais acontecimentos e as atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFPE estão registrados nas páginas do JORNAL UNIVERSITÁRIO e, agora, devidamente selecionados no arquivo à disposição de professores, pesquisadores, funcionários e alunos da Universidade Federal de Pernambuco ou de outras instituições. Quando menos, já decorrem oito anos de atividades e, conseqüentemente, de registro, em linguagem jornalística, da história da própria Universidade. Quando a direção do Departamento de Extensão Cultural determinou a implantação do arquivo, o fez consciente de que poderia — como realmente ocorre — prestar informações da maior importância a qualquer pessoa integrante da Universidade ou interessada em conhecer a sua história, nesses longos oito anos de atividades.

Foi com estes propósitos que o JU surgiu: sem qualquer pretensão de competir, mas tão somente de servir a quantos necessitam e se interessam pelas atividades universitárias. Atualmente tem-nos chegado correspondência dos maiores centros superiores, do Brasil e de outros países, solicitando exemplares do JORNAL UNIVERSITÁRIO e ao mesmo tempo enaltecendo o trabalho da sua equipe, pelo nível e tratamento dados aos assuntos abordados.

Campanha atinge objetivo e Banco recebe doações

"Feche os olhos e veja o universo dos irmãos que não enxergam". Com este slogan, divulgado através dos meios de comunicações da Capital pernambucana, a diretoria do Banco de Olhos — liderada pelo sr. Oleno Vieira — vem sensibilizando a população no sentido de que dê os seus olhos, após a morte, para devolver a visão àqueles que são cegos.

A campanha tem alcançado os seus objetivos, pois logo no dia da Inauguração do Banco de Olhos, foram doadas cerca de 135 córneas, o que faz prever o sucesso absoluto da iniciativa.

Convênio

Um dos primeiros passos para a instalação do Banco de Olhos — o primeiro do Nordeste — foi a assinatura de um convênio entre o Lions de Pernambuco e a Universidade Federal de Pernambuco, em fevereiro, através do qual esta instituição cedeu dependências do seu Centro Oftalmológico, no Hospital das Clínicas, para o Banco.

Durante solenidade, no salão nobre da

UFPE, no mesmo mês, foi aprovado o estatuto do Banco e criada a sua diretoria, que tem à frente o médico Djalma Rodrigues da Silva. Na solenidade, o sr. Oleno Ramos, presidente do Lions Clube de Pernambuco, afirmou que "Plutarco já dizia que mais glorioso do que vencer, é usar com moderação a vitória".

Inauguração

Na última semana de junho, o Banco de Olhos foi oficialmente instalado, em solenidade que contou com a participação de autoridades civis, militares e eclesásticas. Como convidado especial, compareceu o general Carlos Alberto Ribeiro, que foi um dos que colaboraram com a iniciativa, e que à época era comandante da 7.ª Região Militar.

A solenidade foi aberta com um discurso do reitor da UFPE, professor Marclonilo de Barros Lins. Em seguida, falou o sr. Oleno Ramos, e depois foi franqueada a palavra, tendo falado o general Carlos Alberto Ribeiro. Várias homenagens foram prestadas a médicos e pessoas que colaboraram decisivamente para a instalação do Banco de Olhos.

Análise de experimentos agrícolas feita em tese

Utilizando dados de experimentação agrícola de adubação do milho no Agreste Setentrional, obtidos pelo Instituto de Pesquisas Agrônomicas (IPA) da Secretaria de Agricultura, o Professor Amílcar O. Bezerra defendeu tese no Curso de Mestrado em Economia (CME/PIMES) do Departamento de Economia da U.F.Pe.

A banca foi composta pelos profs. Alfredo Soares, Carlos Osório e José Ferreira Irmão, que aprovaram a Dissertação intitulada "Análise Econômica de Experimentos de Adubação em Cultura de milho".

Entre as conclusões do Professor Amílcar Bezerra, destaca-se que os experimentos de adubação têm se preocupado com os aumentos de produtividade agrícola sem levar em consideração uma análise de preços que vise a promover produção a custos mínimos por parte do agricultor.

Finalizando a tese o Prof. Amílcar sugere a entidades como a Secretaria de Agricultura, a nova Secretaria de Planejamento e demais órgãos que dirigem a política agrí-

cola do Estado, que se preocupem em informar ao agricultor, através principalmente de extensão rural, quais os processos mais econômicos do uso de fertilizantes. Assim, o agricultor do Agreste pode despertar para as possibilidades de maior rentabilidade monetária da sua própria cultura agrícola.

A presente tese é a quarta dissertação defendida nas duas últimas semanas no Curso de Mestrado em Economia (CME). As outras três versaram sobre os seguintes temas: "Alocação de Recursos e Combinação de Atividades na Agricultura de Limoeiro", do Prof. Sebastião José Balarini; "Orçamentos Familiares e Economias de Escala no Consumo", do Prof. Maurício Romão; "Determinantes da Renda Individual no Recife Metropolitano", da Profa. Mauricéa B. Lima.

A primeira delas utilizou dados da Pesquisa Agrícola da SUDENE/UFPE/Banco Mundial, enquanto as outras duas usaram ambas dados de pesquisa de Abastecimento Alimentar do Convênio SUDENE/UFPE/CME-PIMES.

UFPE firma convênio com o Consulado da Alemanha

A Universidade Federal de Pernambuco firmou convênio com o Governo da Alemanha Federal, através do Consulado germânico no Recife, para colaboração com o Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação, na implantação de um serviço de documentação, análise e experimentação de métodos e materiais de ensino de línguas estrangeiras; prestar assistência pedagógica ao ensino do idioma alemão do Colégio de Aplicação da Faculdade de Educação; e estabelecer, através do Consulado Geral da Alemanha no Recife, contatos culturais entre a Faculdade de Educação e entidades alemãs.

O acordo foi assinado pelo reitor Marclonilo Lins, Richard Serra, Vice-cônsul e chefe do Deptº para Assuntos Culturais e de Imprensa do Consulado Geral da Alemanha, professor Antônio Carolino Gonçalves, diretor da Faculdade de Educação, e o prof. Alcides Fernandes da Costa, presidente da Associação de Cursos de Alemão do Recife. O ato foi realizado no gabinete do reitor da UFPE.

MODELO

Outra finalidade do convênio é estabelecer um modelo de ensino para o idioma alemão, tendo em vista a posição das línguas estrangeiras modernas.



O representante do Consulado da Alemanha no Recife assinando o convênio juntamente com o reitor Marclonilo Lins, às vistas dos professores Miguel Otávio, Alba Campos, Paulo Maciel, Antônio Carolino e Alcides Fernandes

O professor Lourinaldo Cavalcanti, diretor do Laboratório de Ciências do Mar da Universidade Federal de Pernambuco, fez um estudo profundo sobre o relacionamento do homem com o mar e os recursos que este possui, em três aulas elaboradas especialmente para o Programa Estudo de Problemas Brasileiros, que tem a coordenação do professor Joel Pontes.

O diretor do Lacimar afirma, entre outros pontos, que o nosso planeta tem um nome usurpado. "Na realidade, deveria chamar-se Oceano, já que o mar ocupa as sete décimas partes de sua superfície. Com efeito, as terras só constituem arquipélagos de várias dimensões: América, África, Europa, Ásia.



O HOMEM E O MAR

O nosso planeta tem um nome usurpado. Na realidade deveria chamar-se Oceano, já que o mar ocupa as sete décimas partes de sua superfície. Com efeito, as terras só constituem arquipélagos de várias dimensões: América, África, Europa, Ásia, não são mais que grandes massas insulares, que junto com a multitude de penhascos disseminados por todas as latitudes, ocupam apenas em total, uma superfície de 150.000.000km².

O primeiro homem que venceu o mar, diz uma lenda malaia, foi um menino perdido, único sobrevivente de uma tribo fulminada pelo fogo do céu. As outras tribos lhe negaram asilo e o menino ficou à mercê da piedade dos animais; um pato selvagem lhe deu o seu ninho feito de bambus traçados e colocado sobre as margens de um rio. O menino deitou-se e adormeceu. Porém, durante a noite, o rio irritado com a crueldade dos homens, transportou o ninho através das florestas. Ao despertar no dia seguinte, o menino acreditou ter chegado ao paraíso dos meninos perdidos. O ninho balançava sobre as ondas e ele ouvia vozes maternais acalentadoras. A medida que o ninho avançava, o menino sentia seus músculos endurecerem-se e seu coração tornar-se mais forte; porém, logo depois ele foi assaltado pelas sete tormentas do mar: medo, fome, sede, solidão, compaixão de si mesmo, pesar e esperança. Depois que as tinha vencido ele percebeu que a terra se aproximava; ao tocá-la notou que se parecia com seu país natal, porém, embora recoberta de reluzentes frutos e cercada de praias de ouro, lhe parecia fria como uma morta. Não era esta a ilha que ele merecia. A esperança, o único tormento que lhe restava, o perseguia sem cessar. Ele novamente fez-se ao mar e foi de ilha em ilha até que um dia, o oceano para acalmar sua angústia e obrigar-lhe a repousar, o converteu em pedra e o colocou ao pé do último promontório, como um guardião permanente ante o umbral do imenso Pacífico.

A conquista do mar começa pelo reconhecimento dos grandes golfos interiores, não ficando, entretanto, registrado na história, nenhum testemunho seguro acerca da exploração do Golfo de Oman, do Pérsico ou do Mar Vermelho. Naqueles tempos o homem se contentava em relatar e contar história, desvanecendo-se de seus dados, sem deixar rastro algum. Todavia, já durante a guerra de Tróia, surgem os primeiros faróis na costa do Mar Arábico. Cada um destes faróis se convertem em um templo, no qual se ensina a arte sagrada de conduzir os navios e marcar sua rota pelo céu.

Ao ancorar nestes templos, com seus barcos carregados de plantas aromáticas, especiarias, marfim e ouro, procedentes das costas da Índia e do Golfo Pérsico, os marinheiros difundiam sua sabedoria, enriquecida dia a dia com observações sobre o regime dos ventos e os caprichos dos mares navegados.

Através dos séculos o homem foi aprimorando os seus conhecimentos sobre os mares, ao mesmo tempo que passou a utilizá-los de formas diversas.

Do ponto de vista humano os oceanos se apresentam principalmente como uma via de comunicação sem restrições direcionais, e depois como uma fonte de recursos alimentícios e minerais.

Como uma região na qual são possíveis o transporte e o comércio, não podia o mar, deixar de ser considerado como tendo importância militar e transformar-se portanto, em teatro de lutas e ser considerado como elemento importante da estratégia e da política.

Tais características do mar determinam a existência de interesses comerciais, políticos e militares que induzem a estudá-lo para alcançar o conhecimento necessário a fim de melhor servir a estes interesses.

Há referências de que já em 350 a. C. o mar despertava interesse nos estudiosos, visto que neste período, Aristóteles se

preocupava em realizar estudos sobre a Biologia Marinha.

Nos dias atuais, é grande o interesse de todos os povos do mundo em intensificar os estudos sobre os mares, permitindo de uma maneira racional, o aproveitamento dos recursos marinhos, bem como a sua utilização prática no comércio, na indústria e nas vias de comunicação.

As conclusões que resultam do estudo científico do mar, têm sido e permitem ser de aplicação em uma grande variedade de atividades, tais como a pesca, a caça da baleia, a extração de produtos de utilidade industrial, a náutica, a engenharia naval, as operações militares, a meteorologia, etc.

Praticamente toda a atividade de exploração dos recursos marinhos é baseada no estudo da Oceanografia, e de modo particular da Oceanografia da Pesca, visto ser para esta atividade que o homem vem dedicando sua atenção, no sentido de amenizar a fome, problema crucial com que se defronta a humanidade, nos dias atuais.

Nascida em 1902, data da criação do "Conseil International Pour l'Exploration de la Mer", a Oceanografia da Pesca deve ser considerada como um dos aspectos particulares da Oceanografia propriamente dita. Estuda os caracteres físico-químicos dos 1.370 milhões de km³ de água que constituem os oceanos, assim como a biologia e a ecologia da fauna e da flora que povoam essas várias extensões.

Ela encontra entretanto sua originalidade no fato de que é essencialmente orientada para a obtenção de dados indispensáveis a uma ciência perfeitamente definida em suas aplicações, e que visa obter o máximo de gêneros destinados à alimentação humana e às indústrias múltiplas que utilizam os subprodutos da pesca.

Prospectar novas zonas, definir a importância dos estoques e estudar seu preço satisfatório de exploração, prever suas flutuações naturais e as devidas à influência do meio, aclimatar espécies, desenvolver as criações, são as tarefas da Oceanografia da Pesca cuja atividade prosseguirá sobre o plano da tática e da técnica da pesca por meio de trabalhos, utilizando instrumentos e navios.

Assim concebida, a Oceanografia da Pesca forma um todo coerente, tirando das diversas disciplinas da Oceanografia, métodos e técnicas dos quais ela necessita para a realização de seus próprios programas, e os completando necessariamente para a realização de meios próprios, para resolver problemas novos, tais como os levantados pelo comportamento dos peixes diante dos instrumentos de pesca, ou a influência do levantamento operado pela pesca sobre a evolução dos estoques de animais marinhos.

De uma maneira geral, a Oceanografia da Pesca trata de dois tipos de problemas: o primeiro, diz respeito à distribuição e à avaliação dos estoques animais; o segundo, ao estudo dos efeitos dos processos oceânicos sobre as populações.

No primeiro estágio, o biólogo prospectará as zonas de pesca, determinará os caracteres gerais da região, recenseará as espécies, precisará sua abundância relativa e quantitativa por instrumento e tempo de pesca unitária. Nas regiões já exploradas, essas informações serão complementadas pelos ensinamentos estatísticos sobre a evolução das capturas globais e o rendimento por unidade de pesca.

Estudará em seguida se os estoques de uma espécie constituem uma entidade homogênea, ou se podemos subdividi-los em raças ou populações locais dos quais se definirá o ciclo biológico (embriologia, crescimento, mortalidade) assim como a alimentação, as migrações e a composição em tamanho e classe de idade.

Em uma segunda fase, físicos e químicos procurarão definir as condições, extremas e médias, do meio onde vive uma espécie ou um estoque dado da espécie. Esse estudo permitirá explicar a distribuição do peixe e,

em certa medida, da pesquisa racional das zonas onde se conhece a presença de massas de água apresentando condições "a priori", favoráveis.

A Oceanografia da Pesca pesquisa, igualmente, o jogo das correntes, as modificações estacionais das condições e suas flutuações anuais de amplitude, a distribuição e abundância dos peixes. De uma maneira mais precisa ainda, estuda como os fenômenos locais de salinidade, de variação superficial da temperatura ou de descontinuidade térmica profunda, influem no comportamento dos peixes e suas migrações verticais.

As zonas oceânicas com elevado teor de sais nutrientes, as zonas de contrastes entre correntes de origens diferentes e geralmente favoráveis a uma alta produtividade orgânica ou a abundante concentração de animais, são particularmente estudadas.

O conjunto desses trabalhos deve permitir avaliar o que uma região é susceptível de fornecer e definir as medidas conservadoras que devem ser tomadas para manter os estoques em nível contínuo de rendimento ótimo.

Com esse fim a Oceanografia da Pesca tem um importante papel a desempenhar na orientação política que devem seguir as Comissões Internacionais e na escolha das disposições que elas devem tomar, no interesse das pescas marítimas.

A importância dos recursos alimentares que o homem espera tirar dos oceanos justifica o desenvolvimento de uma Oceanografia da Pesca dotada de meios suficientes em homens e materiais para lhe permitir estudar um mundo complexo e variável, dificilmente acessível e sobre o qual todas as hipóteses formuladas só podem ser verificadas no mar, ao preço de esforços repetidos e pacientes.

É o que distingue essa ciência de muitas outras para as quais o estudo pode ser conduzido a partir de experiências de laboratórios ou de modelos teóricos e cujos resultados podem ser extrapolados para uma escala que só é geralmente limitada pelas possibilidades técnicas.

No caso dessas ciências pode-se sempre passar do cálculo para a aplicação; no caso da Oceanografia e da biologia da pesca, onde inúmeros fatores se conjugam para modificar sem cessar o modelo teórico, não é a mesma coisa.

E portanto, em uma época onde nenhum setor da atividade humana pode ser isolado da pesquisa, os oceanos não podem ser desprezados, pois o seu estudo científico interessa não somente à meteorologia, à indústria, à engenharia portuária e aos transportes marítimos, mas também, à pesca e às culturas marinhas.

A cada dia que passa aumenta o interesse dos países desenvolvidos ou em fase de desenvolvimento, pelos estudos dos problemas do mar. Altas somas de recursos são investidas, em busca de novos métodos de pesquisas, visando sempre uma exploração mais racional do oceano, como fonte permanente de recursos.

No Brasil, várias Instituições se dedicam a esse tipo de estudo, com apoio de órgãos governamentais como Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Financiadora de Estudos e Projetos da Secretaria de Planejamento da Presidência da República (FINEP), etc.

Inclusive, já existem entidades formando técnicos de nível superior no campo da Oceanografia. No Rio Grande do Sul, formam-se oceanógrafos e em Pernambuco e no Ceará, engenheiros de Pesca.

No tocante às pesquisas, o Nordeste em particular, dispõe de várias entidades desenvolvendo pesquisas oceanográficas, todas elas ligadas às Universidades.

Em Pernambuco, o Laboratório de Ciências do Mar (LACIMAR) antigo Instituto Oceanográfico, pertencente à Universidade Federal de Pernambuco, vem há 17 anos con-

tribuindo de modo efetivo para o perfeito conhecimento dos fenômenos ligados ao desenvolvimento da atividade pesqueira do Nordeste do Brasil e para a formação de cientistas no campo da Oceanografia.

Conta atualmente em seu quadro, com cerca de 25 pesquisadores, desenvolvendo estudos sobre os diferentes aspectos da Oceanografia, como a Física, Química, Geologia e Biologia.

Sob este aspecto, o LACIMAR desde sua fundação, vem realizando pesquisas oceanográficas em toda a costa nordestina, abrangendo o oceano e as águas costeiras e interiores. Estas pesquisas compreendem inventário da fauna e da flora aquáticas, colheita de dados estatísticos da pesca, avaliação das condições físico-químicas dos ambientes, aspectos geológicos do fundo, ecologia dos ambientes, poluição, biologia das espécies e cultivo dos espécimens de valor econômico.

Na efetivação de tais trabalhos o LACIMAR mantém colaboração estreita com quase todas as instituições congêneres do país, citando-se entre elas, o Instituto de Recursos Naturais do Maranhão, o Laboratório de Ciências do Mar da Universidade Federal do Ceará, o Instituto de Biologia Marinha da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o Instituto de Pesquisas da Marinha, a Diretoria de Hidrografia e Navegação, o Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo e a Comissão Nacional de Energia Nuclear.

Recebe apoio financeiro do Conselho Nacional de Pesquisas, através de bolsas de estudo e auxílio para pesquisas e aquisição de equipamentos científicos. Tem igualmente apoio financeiro da SUDENE, através de convênios, os quais permitem a realização da maioria das suas pesquisas.

Recebe ajuda do Governo do Japão, que através do Serviço de Cooperação Técnica, envia, desde 1958, cientistas para estudar no LACIMAR os diversos aspectos da Oceanografia. Igual ajuda recebe do Governo da França.

Além das pesquisas propriamente ditas, desenvolve intensa atividade didática, ministrando aulas em Cursos de Especialização, Aperfeiçoamento, Graduação e Pós-Graduação, para alunos e graduados, não somente da Universidade Federal de Pernambuco, como também da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e outras Universidades do Nordeste.

Como trabalho de importância realizado pelo LACIMAR, se destaca o levantamento de toda Plataforma Continental Norte-Nordeste do Brasil, desde a Bahia até o Amapá. Neste trabalho, em colaboração com a SUDENE e a Marinha do Brasil, participou de cerca de 20 comissões oceanográficas, estudando material de aproximadamente 1.200 estações. Foi feito o mapeamento do fundo de toda área citada e continuam sendo estudados os diversos grupos da flora e da fauna. Vários trabalhos já foram publicados sobre o assunto.

Outro importante trabalho científico do Laboratório de Ciências do Mar, foi realizado na Lagoa de Mundaú, Estado de Alagoas, onde durante dois anos foram estudadas as condições físicas, químicas, biológicas e geológicas do ambiente, com vistas a determinar as causas de flutuações na produção do "sururu" (*Mytella falcata*).

No momento, o LACIMAR desenvolve vários projetos de pesquisas, porém o mais importante vem sendo realizado na região estuarina de Itamaracá (PE), onde, ao lado de pesquisas do ambiente aquático e terrestre, está sendo levada a cabo uma experiência de cultivos de espécies de peixes de valor comercial, como o camarim, a tainha e a carapeba.

O Projeto tem orientação técnica de um cientista japonês, coadjuvado pela equipe da Instituição.

Experiências sobre crescimento, reprodução, alimentação, parasitose, estão sendo feitas, visando a um aumento da produtividade por hectare dessas espécies, quando cultivadas em ambientes confinados.

Recursos Marinhos e efeitos da poluição



A verdadeira riqueza do mar se acha na prodigiosa vida que o anima em toda a sua massa e que chega até às maiores profundidades abissais. Os vales, cavernas e cadeias de montanhas que compõem a paisagem submarina abrigam uma fauna tão variada, que comparada com ela, a terrestre dá uma sensação de extrema pobreza. Estas regiões se acham povoadas por mais de trinta mil espécies de animais, composta cada uma por milhares de indivíduos, dotados de caracteres próprios. Estas espécies abarcam desde seres unicelulares até cachalotes, cujo peso atinge dezenas de toneladas.

O oceano possui também suas feras, seus leopardos marinhos, seus caçadores, seus carnívoros e seus herbívoros. Há seres amáveis, que vivem em sociedade com um número infinito de indivíduos, há também os seres solitários. Há ainda seus construtores que levantam muralhas de coral em pleno domínio agitado dos mares.

A vida do mar se prolonga também no ar que o recobre: todo um mundo de aves o povoa: desde o albatroz até a pomba de El Cabo. O mar os alimenta, anuncia os perigos com signos misteriosos, que os homens têm tentado interpretar, como precursores de grandes tempestades.

Para completar seu milagre permanente, por meio de um maravilhoso trabalho de alquimista, o mar faz surgir em seu seio uma pérola de luz materializada na ferida de uma concha de nácar.

Toda ou quase toda a atividade humana, no sentido da exploração dos recursos marinhos, se concentra numa faixa do oceano denominada Plataforma Continental, que nada mais é do que um prolongamento do Continente até uma profundidade média de 120 metros.

A Plataforma Continental e as águas que a recobrem, o chamado mar epicontinental, encerram a proporção dominante dos recursos exploráveis do mar, não somente com respeito aos seres vivos (peixes, moluscos, crustáceos, algas, etc.), como também aos minerais (areia monazítica, nódulos de manganês, etc.), e de modo particular aos bolsões de petróleo.

Desse modo a maior atividade desenvolvida pelo homem nessa faixa oceânica, baseia-se na sua utilização para a pesca, extração de minerais, transportes, etc.

A pesca, exercida desde os primórdios da antiguidade, como um procedimento fundamental para a provisão de alimentos, é levada a efeito por métodos diversos.

Sob o ponto de vista da alimentação humana, a importância verdadeira do pescado relaciona-se principalmente com seu conteúdo em proteínas e vitaminas. Todo ser necessita que seus alimentos lhe proporcionem dois tipos de elementos diferentes, porém fundamentais: os energéticos, para se transformarem na energia calorífica para a atividade vital; e, os plásticos, para contribuir na renovação da matéria viva e no crescimento dos indivíduos.

Este conjunto de substâncias orgânicas constitui a parte principal dos peixes.

A fonte de alimentos menos desenvolvida pelo homem foi o mar. Nele, a humanidade, com exceção de alguns poucos países de tecnologia avançada como os Estados Unidos, e o Japão, continua na fase de coleta primária. A pesca é ainda hoje mais artesanal que mecanizada.

A grande luta pelo incremento da produção de alimentos de origem animal foi iniciada após a segunda Guerra Mundial. Já em 1950, a produção mundial de animais aquáticos aumentou em dobro. Em 1962, a produção pesqueira mundial alcançou 43,5 milhões de toneladas e superou em 17,8 milhões a produção de carne vacum.

Em 1964, o homem extraiu das águas 51,6 milhões de toneladas de peixes, moluscos e crustáceos.

Vinte por cento dos peixes produzidos no mundo hoje em dia, são peruanos —

por um privilégio da natureza que favorece o Peru, fazendo as férteis águas temperadas e austrais subirem suas encostas tropicais, com a corrente de Humboldt. O resultado é a anchoveta: 12 milhões de toneladas anuais (a produção mundial de pescada é de 60 milhões de toneladas). Praticamente toda esta produção peruana é transformada em farinha de peixe e exportada a preço irrisório.

Apesar de toda essa expansão, a pesca contribui em grau baixíssimo para a alimentação do homem, falando-se em termos de tonelagem.

Como o peixe, entretanto, contém um apreciável teor protéico (18%), sua contribuição é de 10% do total de proteínas animais ingeridas pelo homem.

Porém, em matéria de tonelagem, o peixe, não contribui senão em 1% para a alimentação humana, embora a pesca tenha sido a atividade humana que mais se expandiu nos últimos tempos.

Nos finais do século XIX, o navio inglês "Challenger" colheu no fundo do Atlântico, um singular calhau roliço, escuro, que revelou ferro, manganês, cobre, cobalto... O achado foi único: o calhau foi considerado uma singularidade, um acidente, sem particular expressão. Apenas, agora, em nosso século, descobriu-se que tais seixos escuros que se apresentam em tamanhos que vão de uma batata a uma abóbora, cobrem grandes extensões do fundo submarino, à razão, às vezes, de 50.000 toneladas deles por milha quadrada. Ao centro deles, invariavelmente, um detrito sólido: um dente de tubarão, uma espinha de peixe. Pode-se imaginar a cena de sua gênese misteriosa, e pouco mais: um dente de tubarão cai nessas profundezas escuras e em pouco tempo começa a ser revestido de metais em estado de grande pureza: 30% são quase invariavelmente manganês, mas, há também ferro, níquel, cobre, vanádio, tungstênio, uma coleção de metais raros em estado extremamente puro.

Assim, o fundo do oceano, que julgávamos desoladoramente vazio e pobre, é um rico tapete de minerais, ao alcance do mais capaz tecnologicamente, do mais intrépido.

Antes da Segunda Guerra Mundial, os geólogos voltaram as vistas para as Plataformas Continentais, na suposição de que esses prolongamentos das terras firmes também guardassem jazidas de petróleo e gás. Suas esperanças foram plenamente justificadas: nos últimos dez anos alguns dos mais significativos achados petrolíferos foram feitos em áreas cobertas pelas águas do Golfo Pérsico, Golfo do México, Mar do Norte. Neste último, os reservatórios descobertos foram enormes e estão exercendo benéfica influência sobre a economia dos países dedicados à exploração, principalmente Holanda e Grã-Bretanha.

Estudos da Standard Oil revelaram que os poços marítimos produzem atualmente oito milhões de barris diários, ou seja, 17% de toda a produção mundial de petróleo. É ainda a mesma empresa que estima em cerca de 100 bilhões de barris as reservas do petróleo existente no mar — quase 20% do total mundial. Calcula-se que na próxima década, 60% do petróleo a ser extraído virão das plataformas continentais. Somente nos Estados Unidos, 15.000 poços marítimos foram perfurados nos últimos vinte anos. E, atualmente, mais de 400 unidades de perfuração e navios-sonda estão procurando petróleo no litoral de pelo menos 70 países. Em 37 destes países, óleo e gás já foram descobertos em áreas marítimas e 25 já estão comercializado o óleo que encontram no mar. E quando em 1978, a produção total atingir 70 milhões de barris diários, estima-se que 23 bilhões (33%) provenham do fundo do mar. Já hoje, são quase 5 bilhões de dólares, o que equivale à metade do produto das pescas mundiais.

O transporte marítimo continua a ser de grande interesse para o homem, visto render duas vezes o produto da pesca e quatro vezes o rendimento do petróleo. Em um futuro imediato, enormes serão os excedentes de alimentos: 120 milhões de toneladas de cereais norte-americanos e canadenses,

1.600.000 toneladas de laticínios da Austrália e da Europa, que por sua vez, terá que receber 1.600.000 toneladas de carne. Em vinte anos, a produção do petróleo (e a demanda), será quatro vezes maior que a atual, a de gás, cinco vezes. Não existe maneira intercontinental de transportar tais produtos — que terão de ser transportados — a não ser pelo transporte marítimo.

É de se esperar que a frota de petroleiros e cargueiros cresça na mesma proporção exponencial, que a duplica a cada cinco anos, crescendo na mesma proporção o tráfego em toneladas-milhas.

A tonelagem dos navios tanques não pára de crescer. Já se fala em navios de 500.000 toneladas, e muitos acham possíveis navios de 800.000 toneladas. Não há dúvida de que os portos também progredirão. A carga e a descarga de um petroleiro são fulminantemente rápidas. Também é alta a velocidade no que tange aos cereais; para os minérios cogita-se em transportá-los pulverizados, suspensos num meio líquido; para a carga geral ser transferida diretamente dos trens ou caminhões aos navios, dos navios aos caminhões e trens para continuada viagem. E o transporte integrado que ganha dimensão na Europa e nos Estados Unidos.

Já não existem mares inexplorados, nem terras para descobrir. O oceano não inquieta o navegante pelas grandes distâncias entre os continentes; a rapidez dos navios as reduziu, contribuindo assim, de uma maneira racional, para o desenvolvimento das nações.

Ao mesmo tempo porém, que o homem intensifica a exploração desses recursos marinhos, um outro problema o atormenta e do mesmo modo exige sua atenção.

Trata-se da poluição, que cresce assustadoramente em consequência do natural desenvolvimento tecnológico mundial, atingindo diretamente os seres aquáticos e de modo particular os peixes.

O peixe é o vertebrado aquático por excelência. Toda a sua estrutura e todas as suas funções acham-se identificadas com esse tipo de ambiente: a forma hidrodinâmica, os movimentos oscilatórios do corpo, o tipo de respiração, o tipo de visão e, principalmente todas as estruturas e atividades relacionadas com a reprodução constituem as características típicas de um animal que vive em um ambiente denso, pouco sujeito às bruscas oscilações térmicas, pouco permeável à luz e onde o alimento se acha uniformemente distribuído. Da composição e das características químicas e físicas desse ambiente aquático, ele depende tanto quanto nós dependemos das características físicas e químicas do ar que nos envolve.

É para essa água e para suas propriedades que devemos voltar as nossas atenções, ao estudarmos a ecologia do peixe, com a finalidade de protegê-lo ou desenvolvê-lo.

O peixe, ingerindo compostos orgânicos, se alto constrói e além disso, dispõe de reservas energéticas que permitem a sua grande mobilidade.

O aproveitamento dessa energia é feito através da respiração com o consumo de oxigênio e com a produção de gás carbônico que por sua vez, constituirá a fonte de carbono para a atividade fotossintética.

Os únicos elementos que necessariamente devem ser fornecidos à água para que o ciclo se restabeleça, são: a luz e pequenas quantidades de elementos tais como o fósforo, nitrogênio e outros, necessários à vida vegetal. Da existência de fontes permanentes desses elementos indispensáveis, depende a vida aquática.

Por outro lado, o ambiente aquático pode conter elementos nocivos à vida dos peixes: substâncias tóxicas, compostos redutores (que eliminam o oxigênio essencial à respiração), agentes físicos, químicos ou biológicos que destroem os ovos, as larvas ou o próprio peixe.

A enorme atividade desenvolvida em nossos dias pelo ser humano, é responsável direta ou indiretamente pela morte de milhares de peixes, causando a poluição das águas em suas diversas formas.

Os novos processos industriais, novos produtos químicos sintéticos, que são criados na atualidade, provocam grandes modificações no ambiente aquático, escasseando o oxigênio, dificultando a respiração dos peixes. Os óleos e graxas que cobrem a sua superfície, impedem as trocas gasosas com a atmosfera.

A proteção dos peixes, assim como o incremento de sua produção através de uma piscicultura racional, exige, pois, não apenas o conhecimento da biologia do peixe e das técnicas apropriadas ao seu desenvolvimento, mas também de um detalhado estudo das condições ecológicas ou das características da água onde eles vivem.

O aspecto básico fundamental ao defrontarmos um problema de poluição é o da escolha sob o qual esse problema deve ser encarado. A poluição é um monstro de muitas caras e o especialista, ao enfrentá-lo, vê somente uma dessas caras, de acordo com a posição em que se coloca, ou dos objetivos que tem em vista. Daí a falta de entendimento que se verifica entre o ecologista, o piscicultor, o sanitarista ou o homem comum. Para este último, a água poluída é aquela que se apresenta "suja", principalmente pela presença de substâncias putrefeitas e mal cheirosas. Prevalece no seu conceito, o aspecto estético da água, a sua característica repugnante que ele associa, às vezes mas sem estabelecer uma correlação nítida de causalidade, à morte de peixes e à transmissão de doenças.

Ele não concebe, por exemplo, a possibilidade de uma água límpida, transparente, fresca e inodora, estar poluída; como dificilmente reconhece que uma água colorida, tépida ou com o mais leve sabor (principalmente de clorofenóis ou mesmo de cloro) ou ainda opaca pela presença de ar emulsificado, não esteja realmente poluída ou não seja nociva à saúde.

O conceito de poluição, na verdade se prende ao aspecto ecológico. Além disso, não se deve perder de vista um sentido eminentemente utilitário. É ecológico porque a natureza real, íntima, dos efeitos que provoca, nos oceanos, rios ou lagos, que a recebem é diretamente relacionado com a alteração do meio. A elevação da temperatura provoca diminuição da circulação, causando-lhes asfixia, pela falta de oxigênio no meio, aliado à elevação do metabolismo respiratório. O mesmo pode-se dizer com referência à introdução excessiva de matéria orgânica na água: ela, por si, não mata, pois não é tóxica, mas permite um exagerado desenvolvimento da flora bacteriana, o que leva a um desequilíbrio ecológico depressão de concentrações de oxigênio e asfixia dos seres aeróbios.

É considerada poluição, qualquer alteração ecológica, ou desequilíbrio biológico, que destrói ou impossibilita a criação de peixes, ou outros seres aquáticos, ou que comprometa a utilização das águas para fins recreacionais ou sanitários.

Essa definição abrange ainda um campo mais amplo do que em geral se supõe, uma vez que frequentemente pequenas alterações ecológicas podem levar ao desaparecimento de certas espécies aquáticas.

Resta ainda um último ponto a esclarecer. É que algumas das consequências — muito sérias e utilitárias — da poluição, não podem ser consideradas, estritamente, como provocadas por alteração no caráter ecológico. São efeitos diretos da introdução de substância ou organismos nocivos ao meio.

Não se pode dizer que a transmissão de doenças humanas através da água tenha um sentido ecológico, pois o homem não pertence a esse meio ecológico que é a água. E, mesmo que pertencesse, a ingestão de um tóxico (uma comida "envenenada") ou a contaminação bacteriana não podem ser consideradas como danos biológicos devido à composição do meio. Seria o mesmo que dizer que a morte de um pássaro em um campo de caça, fosse devido a uma alteração do ambiente, que passou a ser carregado de "chumbinhos"...

Alberto Cavalcanti analisa erotismo no cinema e na TV



— O erotismo no cinema, que visa a concorrer com a televisão, se constitui num erro básico que está sendo ultrapassado, embora se saiba que a televisão foi uma das causas do erotismo; mas como ela não

pode mostrar o que o cinema faz, terminou por influir também sobre aquele”.

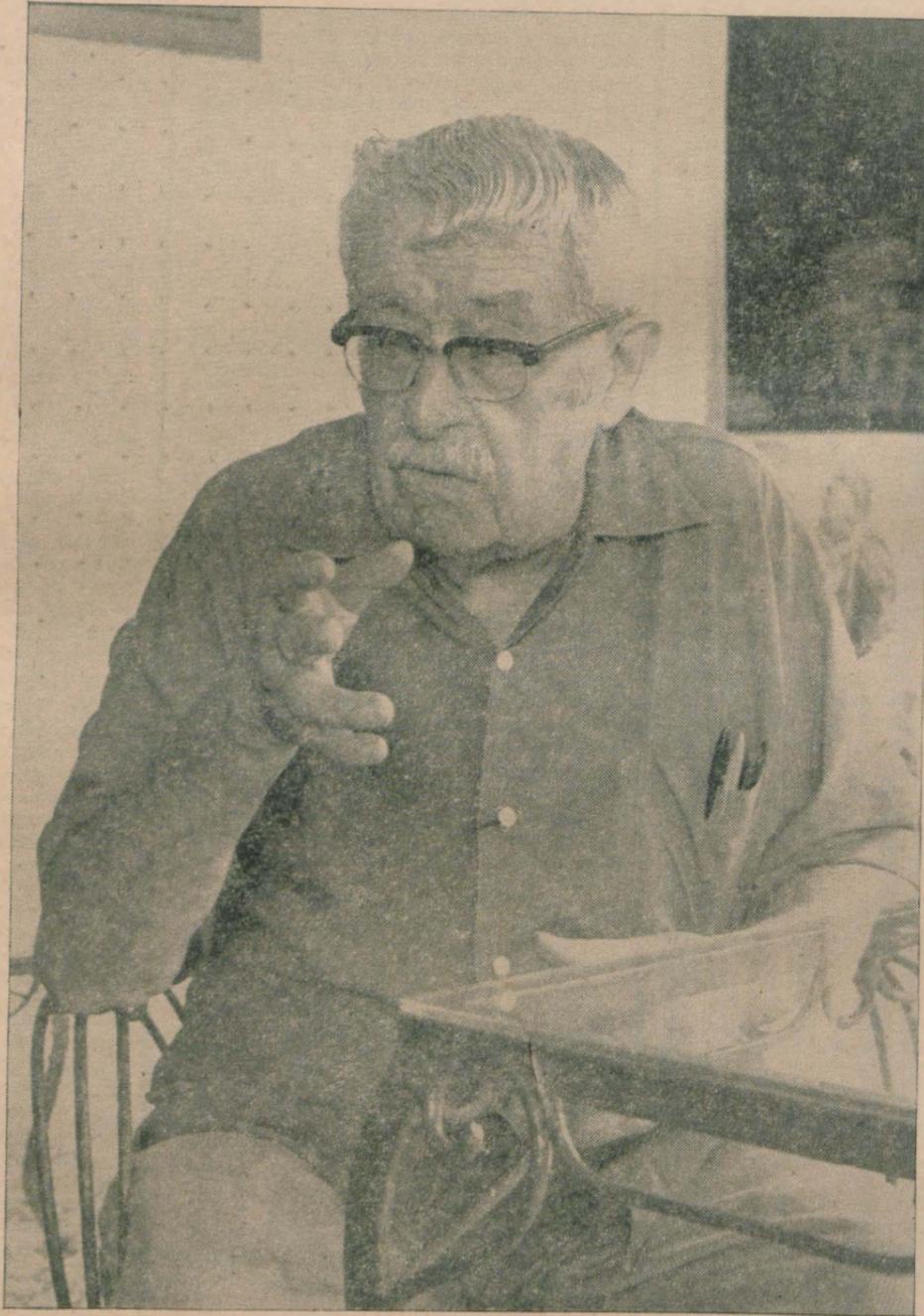
A opinião é do cineasta Alberto Cavalcanti, que se notabilizou no Brasil com a obra *O Canto do Mar*, considerada uma das mais importantes para o cinema nacional.

Embora não goste de ser considerado o decano do cinema brasileiro, a história dessa arte o tem como tal. Alberto Cavalcanti, que está radicado em Paris há muitos anos, esteve no Recife passando uma temporada com familiares e amigos, este mês.

Nascido em Botafogo, Rio de Janeiro, em 1897, filho de militar e, ele também, aluno de colégio militar, seguiu, entretanto, uma carreira diferente da das armas: foi para a Suíça e lá se formou em Arquitetura com apenas 17 anos de idade. Começou como arquiteto em Paris, sendo o primeiro desenhista de Agache, arquiteto que fez o primeiro plano de expansão da cidade do Rio de Janeiro. Mas Alberto ficou na Europa, quando o mestre francês se deslocou para o Brasil. Posteriormente, dedicou-se à decoração, obtendo o seu primeiro fracasso em nosso País. Era na época o representante da Companhia das Artes da França, do sr. Agache e da revista *Nouvelles Françaises*, simultaneamente. Porém, como seu escritório no Rio não recebia visita de ninguém, foi trabalhar com um português, na Lapa; também não sendo feliz nos seus negócios, tomou um navio e voltou para a Europa. Tornouse, em seguida, **attaché cultural**, junto ao Consulado Geral de Liverpool, na Inglaterra, servindo ao consul Dario Freire, que lá representava o Brasil.

O cinema surgiu na vida de Alberto Cavalcanti quando assistiu a uns filmes ultramodernos do diretor francês Marcel L'Herbier, com quem manteve correspondência, do que resultou influência para a sua carreira cinematográfica, onde se iniciou como cenarista e terminou como diretor de filmagens. Sua carreira de produtor veio começar muito mais tarde. Faz cinquenta anos, neste 1975, que fez seu primeiro filme: *"O Trem sem Olhos"*, que teve como título original: *Le Train sans Yeux*, que infelizmente não pode sair porque não pagaram a produção, tendo por isso que fazer um filme às pressas, que se chamou *Rien que les Heures*. Na época, só eram valorizados filmes documentários sobre países exóticos e seu documentário versava sobre a miséria na França.

Alberto Cavalcanti, que se mantém, apesar dos seus 78 anos, bastante rijo e bem humorado, sem perder a espontaneidade e a veia para a gozação, própria do carioca, em que pese viver em Paris, assim se pronunciou acerca do seu apressado filme *Rien que les Heures*: "Renunciei à Torre Eiffel e às outras atrações de uma França turística. O filme esteticamente teve uma repercussão não procurada, porque na época era isso que também os pintores procura-



Alberto Cavalcanti: Nego m'nha paternidade ao cinema brasileiro

vam fazer, ao representar em lugar das damas elegantes a gente pobre do povo. Mas enquanto o público ficou estupefato, a censura foi brutal, embora nada pudesse fazer contra a sobrevivência do filme, que foi seguido por *En Rade* ("No Porto"), que era um filme poético, um pouco lento e mais domesticado que o segundo, e que até hoje é um dos filmes que mais me dão prazer, por estar mais perto das minhas concepções atuais de cinema”.

Em certo momento, sobre as suas contribuições mais importantes para o cinema brasi-

leiro, declarou o mestre de *"Canto do Mar"*: "Não quero ser responsável pela fundação do cinema brasileiro, pois acho que tal paternidade haveria de me causar remorsos póstumos. Mesmo porque tal contribuição me custou tão caro que eu não gostaria de saber o que essa paternidade me custaria. De uma coisa estou certo: o meu cinema esteve sempre voltado para o social, pois nunca fui cúmplice da monstruosidade de que se devesse ter pena dos ricos porque a felicidade da terra sempre estaria com os pobres. Antes do cinema documentário inglês, desde

Shakespeare, todo teatro, como posteriormente todo cinema, jamais havia levado em conta a classe operária inglesa, malgrado a revolução industrial. O documentário inglês, ao qual emprestei minha colaboração, preocupou-se, ao contrário, em apresentar uma imagem da classe operária britânica a par das outras classes sociais do Reino Unido, como a Escócia e a Irlanda. O documentário inglês, por outro lado, não se limitou à mera apresentação da classe operária da Inglaterra, mas abordou problemas internacionais muito importantes, como no filme em colabo-

ração entre a Inglaterra e a Suíça, e dirigido por mim, intitulado *"Nós Vivemos em Dois Mundos"*, que se baseava em argumentos do famoso escritor inglês J.B. Priestley e mostrava a burocrática autocracia das fronteiras. Este filme que, infelizmente, não teve distribuição internacional à sua altura, por causa da última Guerra, conheceu uma carreira importante nas cinematecas mundiais, em grande parte graças à partitura musical do maestro francês Maurice Joubert”.

Pedimos a Alberto Cavalcanti que nos falasse especificamente sobre o cinema brasileiro. Mantendo coerência com a resposta anterior, respondeu: "Não conheço quase nada. Vi pouca coisa. Mas mesmo sem o conhecer, em sua totalidade, posso dizer uma coisa certa: não é um grande cinema pois, caso contrário, seria aceito fora do Brasil. Há algumas exceções que confirmam a regra: Nelson Pereira dos Santos, que é um técnico muito capaz, e também Glauber Rocha, que não aprecio muito por julgá-lo muito barroco, muito baiano. O nordestino é, como o chinês, muito introvertido. O Glauber é que o faz extrovertido, e nisso é que é muito baiano. O seu filme *"Deus e o Diabo na Terra do Sol"* foi, por esta razão, um êxito de curiosidade mas não de público”.

Queríamos saber a razão por que o nosso cineasta advogava salas especializadas de cinema, e sua resposta foi a seguinte: "O cinema tem diferentes gêneros. E como antes não se cogitava para ele de nenhuma forma de longevidade (que nos pudesse oferecer obras definitivas) não havia discriminação nenhuma. E mesmo atualmente estão fazendo a divisão das salas sem nenhum especialismo. O que só se justificaria para Chaplin, Greta Garbo e Mae West, que não pensavam ainda que suas obras se tornassem depois clássicas”.

Acerca da predominância do erotismo no cinema de hoje, ele expressiu a seguinte opinião: "O erotismo atualmente é uma palavra que não significa coisa nenhuma. É um Gadget da moda para a venda mas, como toda a moda, é passageiro. Eles acham que inventaram o que se chama de erotismo. E se numa sala escura se pode mostrar a um público anônimo as coisas mais indecentes e exdrúxulas, não se consegue fazer uma sessão desse tipo para três

gerações juntas. O erotismo que visa a concorrer com a televisão se constitui num erro básico que está sendo ultrapassado. Embora se saiba que a televisão foi uma das causas do erotismo; mas como ela não pode mostrar o que o cinema pode, terminou por influir também sobre o cinema, sendo essa sua contribuição mais importante”.

Quando lhe perguntamos se o cinema europeu poderia oferecer uma contribuição valiosa para um diretor declarou: "Não acredito que o cinema europeu possa oferecer, de modo particular, uma contribuição valiosa. Há na Europa mais nacionalização no cinema do que na América do Norte, por exemplo. E, sob esse aspecto, a América é muito mais aberta; e a prova disso é o êxodo de cineastas europeus para os Estados Unidos, como Sjöström, que é sueco, e Lubitsch e Fritz Lang, que são alemães”.

Tivemos, finalmente, a curiosidade de saber do decano do nosso cinema quais seriam os cineastas mais importantes, na sua opinião. Sua resposta não se fez esperar: "Na primeira fase do cinema, aponto cinco gênios: Griffith, norte-americano, autor de *"Nascimento de Uma Nação"*; Chaplin, inglês, autor de inúmeras obras-primas; Stroheim, alemão; e Eisenstein, russo, autor do célebre *"Encouraçado Potemkin"* e Robert Flaherty, autor do documentário *"Nanuk"*. Quanto à segunda fase, acho Pasolini desigual mas não tenho dúvida da sua genialidade. Goddard pode muito bem partilhar a desigualdade de Pasolini multiplicada por cem”. E, ironicamente: "Fiquei muito desiludido quando Pasolini rodou o *"Decameron"* em Nápoles, quando se trata de uma história florentina. Não obstante, achei o filme em conjunto admirável, e cheguei mesmo a perdoar o fato do diretor ter suprimido um personagem que era meu antepassado, uma espécie de bisavô. Os Cavalcantis são célebres, até hoje, devido a seus machos serem muito belos e as fêmeas serem muito feias. Giovanni, neto de Guido Cavalcanti (esse meu tal bisavô, contemporâneo de Dante), e que era de beleza admirável, teve uma admirável platônica pelo filósofo Pico de La Mirandola, mantendo ambos uma correspondência amorosa em latim”.

Fernando Lopes da Paz e a viagem com o duende



Depois de passar por uma série de atividades dispare, como barbeiro, mecânico, mestre-de-obras, seralheiro e carpinteiro, que o deixavam desgarrado das suas preocupações básicas de artista, Fernando Lopes da Paz, que atualmente ainda exerce a função de técnico industrial, vai se entregando cada vez mais à vocação artística onde, tranquilo nessa viagem que não sabe quando termina, vê no passado uma grande alavanca para a sua libertação, não somente atual como futura.

Nascido no Recife, em 30 de maio de 1936, aos 12 anos começou a fazer pequenas esculturas, participando, mais tarde, de várias exposições aqui e no Sul. Foi classificado na Pré-Bienal do Nordeste, com o "Cristo Armorial", uma de suas esculturas mais representativas em madeira. Dedicando-se, por igual, ao desenho, à pintura, à escultura e à cerâmica, é autor de murais gigantescos para várias empresas de Pernam-

buco e de outros Estados, sobre temas históricos e bíblicos, que sempre informaram o seu trabalho criador.

Aqui, os nomes de alguns desses murais: "A vaquejada" (32m²), para a sede da Sudene, em Brasília; "Cristo Carpinteiro" (42m²) para a sede do I.N.P.S. em Mocaló, Alagoas; "Evocação a Guararapes" (45m²), para o edifício Paladium, em Boa Viagem; "História do Ontem e do Hoje" (28m²) para a Falcão Corretores, do Recife; a "História do Mar" (15m²) para o Edifício Colônia, em Boa Viagem; a "História da Medicina" (8m²) para um Hospital na Paraíba e a "Besta Bruzaca" (4m²) para a Reitoria da U.F.PE. É também autor de várias obras de pintura, que pertence ao acervo do D.E.C. e que se caracterizam, assim como ocorre com as suas manifestações escultóricas, pela figuração bojuda e ameaçadora dos seus personagens, bastante sofridos, que vêm sendo uma constante em seus trabalhos.



Plano Apocalíptico

Mas é em cerâmica que Fernando Lopes da Paz pretende levantar os seus temas baseados no Apocalipse de São João. Andou perturbado por muito tempo, como confessa, à procura da matéria prima que desse unidade ao trabalho: encontrou a cerâmica. E para aplicação de cores, procurou o material que fosse o mais primitivo. Escolheu o poliéster (derivado de petróleo) por causa da impermeabilização ou vitrificação, e os materiais então se juntaram para dar unidade ao pensamento ao tema, que é todo centrado sobre o Apocalipse. No Apocalipse de São João, com efeito, os selos, as trombetas, os sinais, as pestes, os tronos e as bestas são temas que encerram segredos e verdades da mais estranha revelação. Fernando define a razão por que escolheu realizar o seu plano apocalíptico: "Resolvi iniciar este trabalho por estar cansado de mestres escolas e estilos, numa procura boba em que meu pensamento era sempre truncado na execução para atender programas absolutamente exteriores à minha vontade artística. Desejo permanecer nesse campo como autodidata, fruindo o que verdadeiramente penso, sem preocupações alheias à minha arte".



Por que escolheu a cerâmica.

A cerâmica o impressionou demais, como autodidata, porque ao seu ver não tem dono, isto é, não tem precursores, pois há treze milênios existem tijolos vitrificados sem que se soubesse até hoje de sua autoria. Por tratar-se de uma arte anônima, e como a cerâmica serve para demarcar o início das coisas — o próprio homem foi feito de barro — essa circunstância, segundo Fernando, o impulsionou a utilizá-la como elemento unificador para seu pensamento apocalíptico. E, a esse respeito, ele assim se define: "Estou me sentindo mais livre na execução, dado ao fato de sentir a minha própria unificação com a argila. Já fazia dois anos que, enquanto eu trabalhava em outras obras, de menor significação para mim, estava à espera do momento de começar este plano; e tal momento chegou. Minha intenção é levar o espectador a uma realidade que o force a pensar no seu próprio destino final, do qual todos vivemos divorciados. Para execução desse tipo teremos de sair ensanguentados, pois, para lembrar a lição de Lorca, seria essa a viagem com o Duende".

Descrição do Plano

O plano consta de 35 peças de cerâmica, cor-

respondentes aos 7 selos, 7 sinais, 7 trombetas, 7 pestes, 2 bestas e 2 tronos. Esse plano, segundo o artista, coincide perfeitamente com a situação do século em que ele vive sua situação artística e humana.

Escolheu uma forma esférica — porque a verdade é, segundo ele, uma esfera, e só a ilusão tem ângulos — que, justamente por ser esférica, fosse também popular. E a escolha de potes bojudos foi a maneira que conseguiu encontrar para que a forma esférica se expressasse através do sensível. O plano brotou de leituras místicas, principalmente do Apocalipse, e foi como uma verdadeira obrigação espiritual que o moveu à execução, sabendo que "essa obrigação pode significar pouco para os outros, mas para mim ela tem significado real, dada a facilidade que encontro para materializar ou plasmar o pensamento. Por isso, proclamo minha dívida para com a Criação e o Criador: não quero passar fazendo cócegas. Prefiro fazer chorar a partir negando impulso de uma verdade que é a única realidade que encontro desincumbida de certos interesses externos. E acho que esse plano será uma resposta a tudo isso".

MEDICINA APROVA TESES P EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA -

O título de Docência-Livre, é concedido mediante habilitação em concurso de títulos e provas, a que podem inscrever-se os portadores de diplomas de Mestre ou Doutor, expedidos por cursos credenciados pelo Conselho Federal de Educação. Mas a Lei 5.802, promulgada em 1972, prevê a inscrição para quem comprove que conta, até 11 de fevereiro de 1969, cinco anos de Magistério, ou dez de diplomado.

Temos o maior interesse em promover concursos dessa natureza, e com o máximo de boa vontade, sempre visando ao melhor rendimento para o nosso corpo docente — declarou o professor Arthur Barreto Coutinho, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, referindo-se aos recentes concursos para obtenção do título de Docente-Livre, em diversas disciplinas. O JORNAL UNIVERSITÁRIO traz, nesta edição, as principais conclusões a que chegaram alguns desses concursados.



Crianças disléxicas sentem dificuldade para a leitura

"Investigação Psiconeurológica em Crianças com Dificuldades para a Leitura", é um trabalho do professor Zaldo Antônio Barbosa Rocha, da área de Psiquiatria. Logo na introdução, o professor Zaldo Rocha fornece algumas explicações sobre o termo **psiconeurológico**, acrescentando que, utilizando-o, pretende apenas chamar a atenção para uma série de distúrbios "perceptivos, motores e cognitivos" difíceis de ser rigorosamente delimitados. Tais distúrbios têm recebido as mais diversas denominações: "distúrbios associados", "distúrbios neurológicos menores", "distúrbios da psicomotricidade" e "distúrbios neurológicos evolutivos", dentre outros, sendo muito grande a importância atribuída à maior ou menor participação de cada um deles na configuração do quadro clínico das dislexias, cujo polimorfismo e complexidade poderiam ser melhor explicados.

Etimologicamente, **dislexia** significa dificuldade para a leitura. Contudo, se esta dificuldade se observa na criança e não é adquirida, após um satisfatório domínio da leitura, poder-se-ia falar de modo mais preciso, numa dificuldade para a aprendizagem da leitura. "Dessa maneira", diz Zaldo Rocha, "a dislexia da criança se distinguiria da dislexia do adulto". Na dislexia, a dificuldade para a leitura não está determinada por um distúrbio sensorial. Assim, não se poderia distinguir a criança disléxica da criança ambliope, ou daquela outra com vícios de refração. Muito embora a acuidade próxima, a visão binocular, a visão em profundidade, assim como a dominância óculo-manual tenham sido consideradas como possíveis fatores determinantes, estudos mais recentes tendem a refutar a importância desses fatores que poderiam, quando muito, agravar mas nunca determinar a dislexia.

Na dislexia, segundo Zaldo Rocha, a dificuldade para a leitura também não está determinada por uma **deficiência intelectual**. Somente assim, podemos distinguir a dislexia das dificuldades para a leitura que se observa nas crianças oligofrênicas. Nestas, a falha da aprendizagem não é limitada, específica, como na criança disléxica; mas global, generalizada.

Na dislexia, além da discrepância entre o nível de leitura e o nível intelectual, há uma igual discordância entre a capacidade para ler e a capacidade para assimilar outros tipos de aprendizagem que não se relacionam com o símbolo verbal. Outrossim, muitos disléxicos seriam mesmo levados a desenvolver, — através de um mecanismo de compensação — uma grande habilidade em atividades de ordem mecânica.

Um outro item que deve ser levado em conta quando se fala em dislexia, é que a dificuldade para a leitura não pode ser determinada por fatores puramente pedagógicos, resultantes de uma má iniciação, de exercícios insuficientes ou de uma motivação inadequada. Estes casos são facilmente reeducáveis, sem que seja necessário recorrer-se a processos psicopedagógicos especiais.

Na dislexia, pelo contrário, a dificuldade para a leitura é persistente e a criança nunca pode realizar um comportamento léxico eficaz, a partir das formas e da quota de exercícios que, de ordinário, são suficientes para as demais crianças — como observa André Rey, citado pelo professor Rocha.

Constata ainda que é incontestável a importância da hereditariedade nos casos de dislexia. Para comprová-la, ele recorreu a B. Hallgren, que fez percucientes observações sobre gêmeos monozigóticos. Hallgren diz que, em 12 pares, ambos os gêmeos foram atingidos em 100%, enquanto em 33 pares heterozigóticos, somente em 11 pares foram atingidos os dois gêmeos.

Maioria das pessoas normais já pensou em autodestruição

A tese do professor Othon Coelho Bastos Filho, sob o título "Comportamentos Suicidas em uma Unidade Psiquiátrica de um Hospital Universitário", na área de Psiquiatria, consiste no levantamento estatístico de todos os casos de condutas suicidas, tentativas ou atos fatais, constantes nos fichários da enfermaria e do Serviço Social da Clínica Psiquiátrica do Hospital Universitário da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Abrange um período de 15 anos, compreendido entre julho de 1957 e julho de 1972.

Afirma o professor que, num total de 1.032 observações clínicas compulsadas, foram isolados 90 casos, dentre os quais estava explicitamente comprovada a existência de comportamentos autodestrutivos fatais ou não fatais. Estes 90 pacientes, todos do sexo feminino e de condição sócio-econômico-cultural próxima ou semelhante, foram distribuídos em 6 grupos etários e tiveram seus diagnósticos primitivos transportados inicialmente para os diversos itens da CID e, a seguir, condensados em 6 grandes categorias nosológicas psiquiátricas.

Citando Goethe ("A morte é algo tão estranho que, apesar de todas as nossas experiências, ela é sempre considerada como algo impossível e que se apresenta como incrível e inesperada"), ele constata que a autodestruição é, na realidade, tanto uma tragédia pessoal quanto um grave problema social. Evidentemente, o impacto da morte é ainda maior quando é o próprio indivíduo que atenta contra sua integridade. E a tendência autodestrutiva está tão presente em todos os homens que provavelmente a maioria das pessoas normais já cogitou, pelo menos em algum instante da vida, em dar cabo à existência. Contudo, Robert Litman e Norman Farberow acreditam ser quase impossível para a mente humana compreender a morte autoinfligida em sua totalidade e finalidade. No suicídio, o indivíduo é vítima e autor. Shneidman o define como sendo "o ato humano de cessação da vida consciente, autoinfligido e autointencional", enfatizando ser o objetivo principal muito mais a morte do que a produção de lesões, automutilações ou condutas meramente prejudiciais ao indivíduo.

Do ponto de vista adaptacional — expressa em seu trabalho o professor Othon Coelho — o comportamento suicida representa tanto um fracasso no processo de adaptação quanto uma desesperada tentativa de atingir uma readaptação. Para ele, é um importante índice das falhas de ajustamento psicológico e uma medida extrema de evação social, em que desaparece o sentido e o significado da vida e decrece aquela força vital misteriosa que conserva as criaturas presas à existência.

Destes 1.032 doentes, todos de baixo nível sócio-econômico-cultural, 90 (8,7%) apresentaram relatos de comportamentos autodestrutivos, do tipo tentativas ou suicídios consumados. Os atos não fatais, num total de 84, representaram 8,13% da população hospitalar e 93,3% do grupo portador de conduta suicida; por outro lado, os atos fatais, em número bastante reduzido, 6, constituíram apenas 0,58% de 1.032 e 6,66% de 90.

As 90 pacientes, componentes do grupo com comportamento suicida, foram distribuídas em 6 grupos etários, constando-se que mais da metade delas (56,66%) tinha menos de 31 anos.

Professora mostra como ob

"A Técnica de Concentração Celular em Camada Única no Urocitograma", Tese defendida pela professora Maria das Mercês Pontes Lima Cunha, da área de Citopatologia, consiste em verificar a concentração das células esfoliadas na urina, valendo-se, para isso, da utilização de duas técnicas: em camada única e a centrifugação convencional. A professora demonstra que "a concentração celular em camada única se obtém através de um aparelho especial: a citocentrífuga da Scientific Company Ltda. destinada a separar as células e outros elementos suspensos no meio líquido, os quais são levados para a superfície de uma lâmina durante a rotação do aparelho. A parte líquida é absorvida por um papel de filtro que se amolda perfeitamente entre o tubo coletor de polietileno e a lâmina. O tubo coletor possui lateralmente um orifício de 0,6cm. de diâmetro, que corresponde a idêntico orifício existente no papel de filtro; assim, a parte líquida é absorvida pelo papel de filtro, e o concentrado celular é depositado na lâmina".

Os autores que trabalham com o urocitograma são unânimes em apontar dificuldades de ordem técnica na obtenção de boas preparações citológicas, satisfatórias ao citodiagnóstico. Acrescentam que essas dificuldades estão ligadas ao próprio material, destacando-se, entre

Perfusão de fígados heterólogos

O professor Edmundo Machado Ferraz, da área de Cirurgia Abdominal, abordou, na sua tese os experimentos de perfusão **In Vitro** e **In Vivo** de fígados de diferentes espécies animais, com o objetivo de aprimorar os conhecimentos para aplicação clínica de fígados heterólogos, como método de assistência provisória em pacientes com insuficiência hepática aguda. Teve como título "Preservação de Fígado de cão **In Vitro** — durante 24 horas".

O professor Machado Ferraz sustenta que, "a perfusão de fígados heterólogos e ainda o transplante homotópico de fígado parecem ser as únicas soluções para algumas patologias hepáticas, como as agenesias da árvore biliar e algumas hepatopatias crônicas em fase terminal, infelizmente freqüente em nossa região". Mas a vivência prolongada nos laboratórios de experimentação, a observação com os problemas metabólicos e hemodinâmicos das perfusões com fígados de diferentes espécies animais, contribuíram para que melhoramentos fossem sendo introduzidos no sistema de perfusão.

Os mecanismos de congelamento de células e tecidos com o objetivo de obter preservação prolongada em baixa temperatura, assunto de vital importância para o pesquisador, foram estudados por Meryman, em 1956/57, merecendo o má-

outras, a proce...
elementos as...
de células es...
uretra e do tr...
ção à estofa...
bem como a...
entra em dec...
A técnica...
nal é consid...
dos autcre...
excelentes...
ponto de vis...
desejar quan...
em células...
detectá-las em...
do à cor reaç...
res preconiz...
filtrante. Aut...
restrições a...
celular, mas...
suas indicaç...
isto é, quan...
é pobre et...
Contud...
surgiram os...
concentração...
se vem obser...
acentuada na...
dos líquidos...
o momento...
pregada exclu...
oncótico...
"Em 1971, com...

ximo de a temp...
do professor...
A finalidade...
to profundo é...
os processos...
mática e, se...
intacta a es...
(Meryman)...
de uma m...
ruptura das...
irreparável...
na desira...
água remov...
— os crista...
Machado...
programa de...
obter sucess...
da de pre...
tou seu t...
ções. In...
preservados...
com o dom...
te ortotópic...
de sobreve...
preservados...
tados para...
Vale res...
escolha para...
fígado hu...
sabe que...
as perfusões...
implicações...
ligiosa lim...
destes fig...

Problema da cromatina sexual em recém-nascido

"Cromatina Sexual na Cidade do Recife", do professor Meraldo Zisman, da área de Neonatologia e Puericultura, refere-se à ocorrência da cromatina sexual em recém-nascidos, tomando como ponto de partida as informações provenientes de dados de origem epidemiológica estrangeiros, desde que inexistem publicações de trabalhos desta natureza na América do Sul. A implantação e funcionamento do laboratório de Genética Médica, na disciplina de Neonatologia e Puericultura, em 1969, do Departamento Materno Infantil da UFPE, forneceu ao autor uma infra-estrutura no sentido de que várias contribuições importantes pudessem ser dadas à genética regional.

Para a feitura de sua pesquisa, o professor obteve uma amostra relativa a recém-nascidos de maternidades do Recife, Pernambuco, filhos de mães de baixa condição sócio-econômica. Assim, no período de março de 1971 a fevereiro de 1973 foram estudados 3.100 recém-nascidos, dos quais 1.464 eram do fenótipo feminino e 1.636 do fenótipo masculino. A coleta foi realizada em recém-nascidos até com cinco dias de vida.

Diz o professor Zisman: "O material era colhido através de raspagem da mucosa bucal de ambas as faces internas (Bochechas), superficialmente, evitando-

se lesões ou escarificações profundas, porém procurando-se obter grande quantidade de células epiteliais". Acredita ele que a determinação da cromatina sexual, quer pelo método da mucosa bucal aplicado aos diferentes grupos etários, quer pela punção do líquido amniótico, no período dito pré-natal, tem-se mostrado de grande importância prática para o estudo das aberrações dos cromossomos sexuais. E, vale ressaltar, a pediatria vem sendo acrescida dia a dia de novas informações no sentido da determinação precoce de afecções que poderão ter importância no prognóstico evolutivo da criança.

E, com o objetivo de comprovar, de modo significativo, a dependência da variação da incidência percentual de corpúsculo cromatínico para com a variável idade dos recém-nascidos, medida em intervalo de 24 horas, foram realizados testes estatísticos de hipótese para as diferenças entre as médias correspondentes às diferentes classes de idade.

R. Gates, J. L. Barr e E. G. Bertram afirmam, unísonos, que os cromossomos nucleares correspondem aos cromossomos sexuais, enquanto T. Caspersson e Y. Schultz haviam percebido diferença nas curvas de absorção obtidas com a luz ultravioleta nas células, tanto ma-

linas como femininas, da drosófila, indicando uma variação no conteúdo de material nucleoprotéico. Estudos desse tipo sempre foram levados em conta por Zisman, que chama a nossa atenção para o fato de que os autores terem feito a determinação do sexo cromatínico em dois hermafroditas: um desses casos era de fenótipo feminino e outro masculino, e assim puderam detectar com segurança o sexo cromossômico destes indivíduos independentemente do seu aspecto exterior.

Para ele, a técnica serviu para esclarecer e melhor compreender os casos de intersexualidade e o complexo estudo dos hermafroditas, sendo que a principal aplicação clínica, na blópsia da pele, para a determinação do sexo cromatínico era o exato estabelecimento do sexo em caso de dúvida, principalmente na infância, onde estes problemas se tornam ainda mais difíceis de esclarecimento pela clínica".

Concluindo, salienta que os histogramas de frequências relativas construídos por classe de valores do percentual de cromatina sexual, objeto do seu estudo, demonstraram visível tendência ao deslocamento, para a direita, dos valores com maiores frequências, evidenciando, dessa maneira o aumento percentual da cromatina sexual com o tempo.

Perfusão de sangue humano em fígados de animais

O professor Júlio Carlos Porto Carreiro Jr. estabelece na sua tese — Perfusão In Vitro de Sangue Humano em Fígado de Porco, Bezerro, Carneiro e Cão — uma escala de prioridade funcional entre os fígados de diversos animais, afim de utilizá-los na eventualidade da repetição da perfusão, após ter sido ultrapassado o período de latência, em resposta ao desencadeamento de um processo imunológico, evitando uma possível reação anafilática.

Após o teste da depuração da amônia e formação da uréia o professor pôde deduzir que os fígados não apresentaram diferenças estatísticas significativas.

O material do seu estudo foi constituído por 40 fígados, distribuídos em quatro grupos: 10 porcos, 10 bezerras, 10 carneiros e 10 cães. Os fígados foram obtidos de animais mestiços, de idade adulta, exceto os bezerras, cujas idades variaram de 3 a 6 meses, procedentes do Biotério do Núcleo de Cirurgia Experimental da Faculdade de Medicina da UFPE. No entanto, 10 experimentos foram realizados sem fígados.

As medidas profiláticas contra a infecção resultaram essencialmente na lavagem dos animais com escova e sabão,

nas 24 horas que antecederam às experiências e no emprego de 1.000.000 U. D. de penicilina G potássica, via intramuscular, de 12 em 12 horas, durante o mesmo período.

Aos animais coube uma dieta líquida, no decorrer das últimas 24 horas do pré-operatório, e jejum no dia das experimentações. "Com uma solução a 5% de Thionembutal-Tiobarbiturato (1 metil-butil) etil sódico-administrada por via intravenosa, na dose de 33 mg/kg de peso, conseguimos manter os animais em anestesia. Doses adicionais foram necessárias, permitindo condições satisfatórias para a dissecação. Utilizamos um respirador do tipo Takaoka modelo 600, obtendo hiperventilação moderada por sonda endotraqueal, nos cães, e através de traqueotomia nos porcos, carneiros e bezerras. Simultaneamente, por uma das veias periféricas (safena externa ou veia do pavilhão auricular), infundia-se uma solução de Ringer lactato, de pH 7, 5, e uma de bicarbonato de sódio a 3%, associada a 0,2mg de Isoproterenol e 500mg de hidrocortisona".

O estudo da depuração da amônia, tomado como método de avaliação da função hepática, tem sido comumente considerado com reserva, desde que células hepáticas lesadas ou maceradas

podem reduzir os níveis dessa substância no meio circulante, provavelmente em decorrência da impregnação dos hepatócitos. No Laboratório do Núcleo de Cirurgia Experimental, da UFPE, a depuração da amônia foi estudada em perfusões homólogas, em fígados isolados de cão, submetidos à hipotermia. Não obstante, diz o pesquisador, em nenhum desses experimentos ocorreu formação de uréia e a velocidade de captação da amônia, pelo hepatócito, foi muito mais lenta, significando redução da capacidade de depuração.

Concluiu que os fígados de porco, de bezerro, de carneiro e de cão, com uma probabilidade de confiança de 95%, foram capazes de depurar amônia e formar uréia em cada uma das cinco horas das experimentações.

Os resultados do estudo estatístico não permitiram estabelecer uma hierarquia funcional entre os fígados dos animais utilizados. No entanto, uma avaliação em conjunto dos diversos parâmetros, sugere recomendar o fígado de porco, como primeira escolha e, prevista a ocorrência de reações anafiláticas, o pesquisador indica sucessivamente a utilização de fígados de bezerro, de carneiro e de cão.

Novo modelo de circuito extracorpóreo simplificado

"Circuito Extracorpóreo Simplificado em Perfusões com Fígados Isolados Homólogos para Assistir Cães com Hiperamonemias Induzidas", do professor Ayrton Ponce de Souza, da área de Cirurgia Abdominal, busca estudar um modelo de circuito extracorpóreo simplificado, que prescinde de eliminação de bolha, filtro, bomba, recipiente coletor, depulsador, permutador de calor e oxigenador, para perfundir fígados isolados homólogos in vivo, como meio de assistência

provisória a cães com hiperamonemias induzidas por anastomose porto-cava e injeções de citrato de amônia.

Para realização do seu trabalho foram utilizados 30 cães adultos, mestiços e aparentemente sadios, provenientes do Biotério do Núcleo de Cirurgia Experimental da UFPE.

Vinte desses animais foram ligados ao sistema simplificado de perfusão, após

terem sido submetidos à anastomose porto-cava do tipo término-lateral.

Todos os animais utilizados no presente trabalho, após serem contidos em decúbito dorsal, foram anestesiados com Thionembutal em solução, via intravenosa, na dose inicial de 33mg/kg de peso. E, a seguir, procedia-se à incubação traqueal por endoscopia e hiperventilação moderada com oxigênio, assistida mecanicamente por aparelho modelo "Takaoka".

Perfusão extracorpórea na assistência temporária

"Perfusões Hepáticas Extracorpóreas de Assistência: Estudo Experimental em Cães", do professor José Falcão Corrêa Lima Filho, da área de Cirurgia Abdominal, tem a finalidade de estudar a perfusão de fígado homólogo, como assistência temporária a cão tornado anepático, no que concerne à depuração de amônia, do que concerne a excreção de bile, alguns aspectos do comportamento hemodinâmico, histologia hepática, assim como possíveis distúrbios eletrolíticos determináveis pela perfusão. Diz o professor Lima Filho: "Representa além disso tentativa de sintetizar a evolução no decurso de cinco anos, com emprego de fígado homólogo, como órgão de assistência a cão".

Foram utilizados 30 cães mestiços, ao que tudo indica sadios, provenientes do canil do Núcleo de Cirurgia Experimental da Faculdade de Medicina da UFPE e 20 fígados de cães da mesma procedência. Os trinta cães foram divididos em três grupos de 10.

Assim foi efetuado o estudo estatístico dos resultados: análise descritiva

que se baseou no cálculo das médias e variância dos valores de amônia, uréia, bile, ionograma e dos parâmetros da perfusão para cada instante de cada hora, ou cada hora; e análise indutiva, que consistiu na elaboração de diversos testes de hipóteses — teste da igualdade de médias, t-Student; teste da igualdade de variâncias, f-Snedecor; teste de homogeneidade, χ^2 de Fisher. Em todos os casos foi constatado um nível de significância de 5%, equivalente a um coeficiente de confiança de 95%.

Além dos aludidos testes, foi calculado, também com nível de significância de 5%, o intervalo de confiança para a média dos valores da amônia, e ainda do sódio, cloro, potássio e reserva alcalina, tendo sido determinados, através de uma interpolação linear, os instantes em que a amônia atingiu o limite superior do intervalo de confiança para a média, o limite inferior deste mesmo intervalo e a média para a qual foi delimitado o intervalo.

O pesquisador deduziu que o comportamento do fígado perfundido varia com

a espécie animal utilizada. No entanto, parece haver opinião generalizada segundo a qual o fígado de cão é mais sensível, e sua perfusão é mais difícil, notadamente pela possibilidade de se desenvolver bloqueio do efluxo sanguíneo, que alguns autores não conseguiram superar. "Talvez por ter origem em causas bastante diversas", diz Lima Filho.

E completa: "Em nosso laboratório, fígados de cão foram mantidos em circulação extra-corpórea com sangue gelado e oxigenado a 100%, durante 24 horas, e depois de reaquecido a 38°C mostraram boa função metabólica, por mais cinco horas, e boa conservação da estrutura histológica, nas blópsias estudadas pela microscopia óptica".

Nos experimentos de sua tese, não houve período de isquemia quente. Ao ser iniciado o esfriamento do fígado com solução gelada através da veia porta, o órgão continuava a receber sangue pela artéria hepática e somente após infundidos mais de 500ml da solução e o fígado já se apresentar frio, era interrompido o fluxo da artéria.

Contração celular

preferência dos menor número investimento da em compara- da vagina, que a urina

convencio- pela maioria realmente, biológicas do quem deixa a líquidos pobres não consegue eficiente. Visan- alguns auto- da película fazem algumas concentração a validade de circunstâncias, ser examinado

8, quando os sobre a camada única, a técnica de interpretação das preparações em tempo, que até em sido em diagnóstico utilizá-la no

Solução à patologia hepática

por parte congelamen- completamente ação enzi- tempo, conservar células. Ele congelamento pode levar à do tecido a mesmo tempo informação da trabalho inerte

que nenhum fígado poderá técnica adequada professor limi- bidade para as condi- de cães do transplan- estes fígados ar transplan- de função.

o órgão de ação seria o quando se o ideal para entanto, as ética e re- de obtenção itam da mor-

diagnóstico dos líquidos, e, em 1973, publicamos as primeiras observações resultantes da concentração celular em camada única", afirma.

A partir de então, tornaram-se evidentes as inúmeras vantagens da técnica referida, em confronto com a centrifugação convencional.

A partir dos resultados obtidos em suas pesquisas, a professora pôde concluir que a técnica de concentração celular, em camada única, oferece resultados superiores aos obtidos com a técnica de centrifugação convencional, em todas as circunstâncias testadas; e, ainda, que a superioridade da técnica de concentração celular em camada única se faz sentir com maior nitidez no diagnóstico hormonal, em relação à centrifugação convencional, quando o material a ser examinado é realmente pobre em elementos celulares.

O professor Leo Lencioni, da Faculdade de Medicina de La Universidad Nacional de Rosario, define o urocitograma como sendo um método de interpretação da atividade sexual, que consiste no cálculo percentual dos diversos tipos celulares presentes em sedimentos urinários, corados em soluções diferenciais, obtidos com material proveniente de descamação de ilhotas de tecido pavimentoso estratificado do trigono vesical e uretra.

te clínica do doador para que possam ser retirados.

Dos fígados heterólogos, o de porco tem merecido a preferência dos autores, sobretudo devido à sua boa tolerância em fase das condições hemodinâmicas e metabólicas da perfusão. Por outro lado, os fígados de carneiro e bezerro foram estudados, In Vitro, por Porto Carreiro Jr. e Marcelo Silveira, que também registraram boa tolerância para a perfusão extracorpórea, sendo capazes de metabolizar amônia e formar uréia ao longo de cinco horas de perfusão.

O fígado de cão é o que causa as maiores dificuldades para o estudo de perfusão isolada. "Além de grande sensibilidade para a isquemia, conduz germes aeróbios e anaeróbios, apresenta esfíncteres venosos intrahepáticos, desenvolve, não raramente, bloqueio do fluxo, sendo ainda sensível para as variações de temperatura", diz o professor.

No seu trabalho o autor utilizou dois grupos de cães. No primeiro grupo, denominado A, o fígado foi excisado, con- servado ao sistema de perfusão e preser- vado durante 24 horas numa temperatura média de 9,4°C. Após 24 horas, o fígado foi aquecido até 38°C, mantendo-se a perfusão durante cinco horas, nesta tem- peratura.

No segundo grupo, o B, o fígado foi excisado e perfundido a 38°C durante cinco horas.

DESENVOLVER CRIATIVIDADE É ESSENCIAL PARA OS ALUNOS DE PLÁSTICA E DESENHO

Para o professor Wandenkolk Tinoco, da Escola de Artes da Universidade Federal de Pernambuco, se nas praças do Recife "conseguíssemos construir em concreto, ou em outro material resistente, alguns dos bons trabalhos escolares, estaríamos contribuindo publicamente para a educação estética do povo".

Por isso ele acharia interessante realizar uma exposição dos melhores trabalhos realizados em classe, alguns deles, vistos como de melhor qualidade. Considera, inclusive, que muitos desses trabalhos seriam dignos de figurar em concursos públicos, como a Bienal de São Paulo, por exemplo.

De acordo com contatos preliminares já realizados, a exposição dos trabalhos dos alunos do Curso de Plástica

poderá ser realizada no "hall" da Reitoria da UFPE, no segundo semestre, numa promoção do Departamento de Extensão Cultural, por sugestão do seu diretor, arqueólogo Marcus Albuquerque.

Opiniões

— Gosto muito da matéria, mas considero que apenas uma aula por semana é muito pouco. São quatro horas de aula, mas insuficientes para que o aprendizado seja perfeito. Mesmo assim, o aproveitamento tem sido muito bom.

Com um ar intelectual, interessado e pouco distante, o estudante Guilherme Cunha Lima, do curso de Licenciatura em Artes Plásticas e Desenho, modela um trabalho de classe, preocupado em ser rigoroso e metódico, com

cuidadosa atenção a todas as linhas. Não demonstra pressa, apesar do pouco tempo que resta para entregar o trabalho.

— Acho que o tempo é suficiente. — Afirma o professor Wandenkolk Tinoco, titular da cadeira, que investiga os trabalhos com atenção, às vezes inquirindo os alunos sobre as linhas e formas dos trabalhos, conversando, aconselhando. Passa de uma mesa para outra. Detém-se para apreciar demoradamente um trabalho. Caminha. Deixa os estudantes descontraídos, o mais possível.

Criatividade

Para o professor Wandenkolk Tinoco, o fundamental em sua matéria "é desenvolver a criatividade dos alunos. Criatividade dentro de um sentido

lógico. A disciplina, evidentemente, está voltada para esse sentido lógico".

E prossegue: "Os alunos são motivados através de temas. Temas que são dados por nós, dentro de uma linguagem de valores. Valores que abrangem: significado da forma, funcionalidade da forma, estruturação da forma, adequação da forma aos materiais, aplicados para conquistá-las. E, ainda, exploração do volume circundante de um espaço (volume atmosférico).

Adianta, por outro lado, que "o curso é aplicado exclusivamente a Área IV (Artes), onde há, naturalmente, uma solicitação maior de familiarização dos valores das formas no espaço tridimensional".

E para demonstrar a importância do curso de Plástica, o professor acrescenta que "os

bons alunos de Plástica são bons profissionais no futuro. É verdade que existem as exceções. O que é lógico. Mas em geral isso acontece".

Prática

Tanto os professores como os alunos consideram Plástica uma matéria "essencialmente prática, embora haja uma orientação lógica quando são dados os temas e comentados os trabalhos. Aliás, as aulas têm três fases distintas: iniciação dos trabalhos, assessoramento dos mesmos — são feitos em classe com a assistência dos professores Wandenkolk Tinoco, Roberto Corrêa e Hélio Polito — e, por fim os comentários.

Após as aulas teóricas, os alunos são encarregados de executarem certos trabalhos através de temas que são su-

geridos pelos professores. Em seguida, começa a fase de execução, sempre com a assistência dos mestres. Passada essa fase, os trabalhos são avaliados. Mais tarde, os estudantes ouvem os comentários, quando são apontados os defeitos e o processo de corrigi-los naquele estágio. As qualidades de cada trabalho são analisadas e associadas a recomendações teóricas.

Para o estudante Guilherme Cunha Lima, muitas vezes o aluno tem boa criatividade, mas falta-lhe um melhor domínio da técnica. Por isso, considera que é sempre necessário um exaustivo exercício, o que, somente assim, possibilitará o domínio completo. Diz, por exemplo, que, muitas vezes, o estudante tem boas idéias que são mal aproveitadas, provocando um fraco resultado.

Mulher-violeira, um desafio para os que improvisam versos

A PRESENÇA DA MULHER NA POESIA POPULAR

Na literatura de Cordel, muitos trovadores populares, como Severino Borges, de Timbaúba; Caetano Cosme, de Campina Grande; José Costa Leite, de Condado; José Soares, do Recife; Antônio Canhotinho, José Jerônimo, entre outros cantaram em versos, nas famosas pelejas, divulgadas em livrinhos de 8 páginas, com mulheres como Chica Esporão, Ana Roxinha, Patativa do Norte, Otília Soares, Maria Lavadeira e Odete de Lima, com fama de valentes repentistas e desafiadoras no salão, parecendo mais "as meninas da Rua do Bom Jesus".

No repente de viola, a fama e a brabeza da mulher nordestina corre por este interior a fora, deixando os seus nomes gravados na memória do povo. Há muitos violeiros que temos encontrado nas nossas andanças e aos quais havemos perguntado se já "toparam" algumas destas mulheres, que conhecemos de leitura de folhetos, e sentimos que eles falam com respeito e admiração destas parceiras de cantoria, como se a pele ainda estivesse a lhes queimar.

Severino Ciriaco, cantor de viola de Bom Jardim, com mais de 40 anos de profissão, considerado na sua época como "A Força" dos cantadores, hoje vivendo pacificamente como sacristão em Fagundes, na Paraíba, confessa que já se "topou" com mulheres no desafio de viola, capazes "de emendar os bigodes com qualquer homem", embora sempre respeitasse os seus sentimentos femininos. Com muitas Ciriaco se bateu: Otília Soares, Mocinha da Passira, Elizete Clavino, Lídia Maria, Severina Bomzinho, Bernadete de Oliveira. A paraibana Maria das Dôres, entretanto, foi a que mais lhe deu trabalho nos desafios. Hoje, afastada da cantoria, aquela mulher, natural de Mãe d'Água, vive pacatamente ao lado do seu marido, o cantor Zé Pereira, que no dizer de Misael, filho do velho Ciriaco, valente repentista que está fazendo "assombro" em Abreu e Lima, "só serve para carregar a sua viola".

Manoel Chudú, famoso violeiro paraibano de "lá pras banda do Pilar", em uma cantoria com Severino Borges, em Timbaúba, na casa do amigo João Vieira, se referindo a Maria das Dôres, disse que é uma mulher fenomenal e que já cantou e já assistiu à cantoria dela várias vezes. Numa ela estava grávida e não queria cantar, mas o povo exigiu que ela participasse. Mas, diz Chudú, quando ela estava sentada num banco ajoitando a sua viola, ouviu-se a voz de um dos presentes no salão gritar: Como pode uma mulher cantar? E Maria das Dôres lhe respondeu em clima da bucha:

Do jeito que o home canta,
a mulher canta também.
A gasolina é fêmea
e corre na linha do trem.

Explica Chudú, que "gasolina", é o nome que o mato dá ao carro de linha. Outra vez conta que assistiu ela cantando com o seu próprio marido, o repentista Zé Pereira, e este num verso lhe dizia assim:

Maria eu estou doente
e brevemente vou morrer.
Você fica com os colegas
cantando e tendo prazer.

E a famosa Maria das Dôres lhe responde dando provas do seu amor, para quem a cantoria, sem estar ao lado do marido não valeria nada:

José, se você morrer,
cantar mais não me convém.
Vou chorar na tua cova
pois te amo e quero bem.
Cubro a viola de luto,
não canto mais com ninguém.

Dos violeiros que conhecemos, Limeira da Bahia é o único que diz que não canta com mulher. "Porque tenho medo, e tenho vergonha, doutor! Porque se uma mulher abrir a boca para me esculhambar e me rebaixar, eu aí faço um verso que acabo com ela. Eu acho que sou um bocado perigoso, só não faço é bater em ninguém".

Liêdo Maranhão.

Fundação fará exposição sobre o espaço

A Fundação para Atividades e Estudos Espaciais em Pernambuco está ultimando preparativos para a instalação de uma exposição sobre o espaço, reunindo mapas lunares, painéis em cores, objetos científicos, minerais aplicados à indústria espacial e fotografias ilustradas dos mais importantes projetos.

O presidente da Fundação, Professor Fernando José Wanderley, fez um resumo das suas atividades, notadamente acerca das gestões para a instalação de um Planetário em Pernambuco. Salienta que a Fundação tem se dedicado com afinco à Astrofísica e à astrogeologia, a par de eventuais incursões nos domínios de determinadas especialidades, em setores específicos.

A Fundação, iniciadas suas atividades científicas, logo empenhou-se em dotar Pernambuco e o Nordeste de um Planetário, de significativo valor para o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia, como alcance é vastíssimo para a valorização da Região.

A esfera de interesses da Fundação Espacial, como não poderia deixar de ser, é vasta. Contudo, por motivos de ordem pragmática, restringe-se a áreas operativas que capacitem um rendimento técnico, dentro de suas possibilidades, e condicionadas pelo contexto mesológico. Considerando o avanço da tecnologia espacial, e por motivos técnicos, que desaconselham tal atitude, a Fundação não se propõe a atuar no campo da Astronomia ótica, limitando-se a incentivar e subsidiar entidades de amadorismo. Por outro lado, assumem a seus olhos grande importância as pesquisas em Radioastronomia, tendo efetuado proveitosas conexões, neste particular, com autoridades e instituições do País e do Exterior, almejando a execução de um programa sério de investigação, mais adiante.

Com a finalidade de preencher a grande lacuna, que se verifica no Nordeste, pela inexistência de um Planetário, a Fundação tem se desdobrado em profícuo trabalho, desde 1968, procurando implantar no Estado, e por conseguinte no Nordeste, esse equipamento, se constitua num complexo de meios necessários a seu funcionamento. A luta pela conquista de um Planetário tem sido árdua, mas nem por isso, haveria arrefecimento no entusiasmo, pois há esperança que as autoridades se mostrem sensíveis a um "desideratum" de toda uma vasta região do Brasil, que, no passado, proporcionou magníficos exemplos de patriotismo, significando hoje, soberbos exemplos para outros povos da Terra.

Um trabalho que contou, desde os primeiros passos, com o valiosíssimo apoio de autoridades e de personalidades, entre as quais, Prefeitos da capital, Reitores de Universidades e o próprio ex-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, doutor Murilo Guimarães, ex-Diretores de Institutos de Universidades, Homens de Ciência de todo o Brasil, e, acrescente-se um não menos valioso apoio da parte de Diretores e Professores de estabelecimentos de ensino do Estado.

No plano nacional, merece destaque,

as manifestações que tiveram origem no Senado Federal e Câmara de Deputados, demonstração de vibração pelo empreendimento, porquanto bem conhecem os parlamentares as fantásticas repercussões dessa iniciativa, e que, como já foi dito, trará inevitavelmente benefícios de vulto a vários Estados da Federação, contribuindo sobremaneira para a Unidade Nacional.

Entre as medidas concretas, postas em execução, por intermédio da Fundação, merecem destaque estas:

1) empenho e colaboração no intento de trazer uma grande Exposição científica para o Recife, em 1968;

2) reconhecimento da Fundação como Entidade de Utilidade Pública, através da Lei N.º 10.182, de Novembro de 1969, pelo Prefeito do Município do Recife;

3) contato pessoal com o Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura, e, em seguida, entrega de um Memorial, no dia 18 de Maio de 1971, com assinatura de expressivos nomes ligados à Ciência e Cultura, solicitando a doação de um Planetário ao Recife, a exemplo do que foi feito a outras cidades do Sul do país;

4) apoio decidido da Representação da UNESCO-IBCEC, na pessoa do Exmo. Sr. Dr. Jordão Emerenciano, em Maio de 1971;

5) apoio de Exmos. Srs. Senadores e Deputados Federais, ilustres representantes do Nordeste no Congresso Nacional;

6) entrega de expediente ao Exmo. Sr. Ministro da Educação, pelo Exmo. Sr. Deputado Grimaldi Ribeiro, solicitando a doação de um Planetário ao Recife, a 28 de Julho de 1971;

7) registro, nos anais da Câmara dos Deputados, de documento referente ao pleito da Fundação, de implantar um Planetário em Pernambuco, a 29 de Julho, de 1971;

8) projeto de Lei, da autoria do Exmo. Sr. Deputado Grimaldi Ribeiro, autorizando o Ministério da Educação e Cultura a doar um Planetário ao Recife;

9) criação de uma Comissão Executiva do Planetário, integrada por Diretores da Fundação e pelo Exmo. Sr. Prefeito do Recife, Exmo. Sr. Secretário da Educação e Cultura, e Ilmo. Sr. Presidente da Empresa Metropolitana de Turismo, pelo Decreto N.º 9811, de 29 de Setembro, de 1971;

10) visitas de observação aos Planetários de Paris, São Paulo e Rio de Janeiro, acompanhadas de demonstração do equipamento e seu funcionamento;

11) visita de Observação a vários Planetários do Canadá. Outubro de 1972;

12) entendimentos técnicos com Diretores e engenheiros de Indústrias de Planetários;

13) instalação da sede da Comissão

Executiva do Planetário no Prédio da Prefeitura Municipal do Recife. Agosto de 1972;

14) elaboração do Ante-Projeto da instalação do Planetário.

O movimento em prol da consecução de um Planetário vem sendo continuado em todas as promoções da Fundação, entre elas, as conhecidas Semanas de Estudos Espaciais, Exposições sobre o Espaço, conferências e aulas sobre temas da Astrofísica, Astrogeologia e outros assuntos especializados; projeção de filmes em sessões, precedida de preleção para os assistentes; entrevistas à Imprensa, Rádio e Televisão; artigos em Jornais e em Revistas especializadas.

O estímulo ao desenvolvimento da Ciência e Tecnologia, máxima no campo mais complexo das atividades espaciais, este foi um dos objetivos colimados desde os primeiros dias da Fundação, e ao qual sempre foi dada grande ênfase. — o esforço para a aplicação de Tecnologia Espacial ao Desenvolvimento, como fator primordial de sua aceleração no tempo.

A Fundação Espacial pretende publicar brevemente todos os seus trabalhos científicos, conferências, artigos, pesquisas, sob a forma de Anais, enquanto Planeja, ainda para este ano, a montagem de mais uma Exposição sobre o Espaço, nela devendo figurar mapas lunares de inegável valor científico, painéis a cores, objetos científicos de interesse, minerais aplicados à Indústria Espacial, e fotografias ilustrativas dos mais importantes projetos.

O pensamento da entidade é de que os assuntos espaciais não podem ser compreendidos como passatempo de diletantes, nem forma de divagação de espírito despreocupado. A aplicação da Ciência e Tecnologia Espaciais ao Desenvolvimento, constitui o caminho único que possibilitará a aceleração da transformação do potencial nacional em realidade, e que capacitará o Estado-Nação moderno a preencher a lacuna tecnológica no campo científico e tecnológico, sem o que implicaria na existência de falhas inaceitáveis em sua estrutura, e, eventualmente, em riscos e danos profundos, que redundarão na ameaça à sobrevivência de qualquer país como estado organizado. É sob este critério que as atividades da Fundação devem ser encaradas. Propugnadora, em caráter pioneiro da Filosofia do Poder Espacial, (Space Power), oficialmente, desde 1967, do mesmo modo que seu pioneirismo, abordou momentosos temas da Astrofísica, "Quasars", "Pulsars", "Quasars", "exempli gratia", "A Matéria no Espaço Cósmico" (este assunto, objeto das mais vivas recomendações da Nasa), "Black Hole", "Big Bang", "Origem do Universo", "Populações Estelares", merece ser igualmente ressaltado, hoje, com suas diversas modalidades de atuação, o Projeto do Planetário para o Nordeste, espera contribuir para a demarcação do campo da Ciência e Tecnologia, nesta parte do Brasil, favorecendo entretanto, uma audaciosa política de aquisição de "know-how", transferência de tecnologia, intercâmbio em informática, e estímulo à capacidade inventiva.

Nelson Chaves escreve sobre a fome para Correio da Unesco



O Prof. Nelson Chaves é um dos co-autores do livro intitulado "Newer Horizons in Tropical Paediatrics" (Horizontes mais novos da Pediatria Tropical), a convite do Governo da Índia. A obra será editada como uma homenagem à memória dos Profs. S. T. Achar, George Coelho e K. C. Chaudhuri.

A publicação será feita na Europa, por uma editora internacional, e terá contribuição de vários estudiosos de renome, como os Profs. D. B. Jelliffe (de Los Angeles); N.

S. Scrimshaw (de Cambridge, Massachusetts); H. C. Sirkey (de Nova Orleães); A. Ahmad (de Peschawar, Paquistão); Prof. F. E. Soyea (de Colombo, Ceilão).

O Prof. Nelson Chaves também tomará parte em número especial do "Correio da Unesco" sobre a fome no mundo, com o artigo intitulado Considerações sobre Alguns Aspectos da Desnutrição em Determinadas Áreas do Nordeste Brasileiro.

— "A subnutrição e a fome dominantes na extrema pobreza, ao lado da ignorância, são índices altamente nocivos a que estão sujeitos tanto adultos como crianças de tenra infância — declarou o Prof. Nelson Chaves", observando:

"A falta de saneamento básico, assim como os focos de disseminação de infecções, como por exemplo a promiscuidade, são índices altamente nocivos a que estão sujeitos tanto adultos (gestantes e nutrízes) como crianças de tenra infância, pré-escolares e escolares".

PROBLEMAS MULTIFACTORIAIS

"A desnutrição grave, os focos de infecções, a poluição, são problemas multifactoriais e para erradicá-los temos que nos organizar mundialmente, uma vez que não somente deles se ressentem a América Latina, a Ásia e a África, mas áreas outras em diversos continentes; inclusive os Estados Unidos, sofrem o mesmo problema. Temos que nos mobilizarmos em planejamentos multidisciplinares. As estatísticas denotam que no mundo todo 10 milhões de crianças estão à morte e 90 mi-

lhões sofrem formas moderadas de desnutrição, o que as tornam vítimas de infecções graves e as levam muitas vezes à morte ou as mutilam para o resto da vida".

O PROBLEMA EM PERNAMBUCO

"Não apenas no Recife, mas em todo o Estado de Pernambuco, a população e a fome caminham paralelamente ao desemprego, marginalizando o homem.

A migração dos homens do campo para as cidades provoca uma série de graves consequências. Os centros urbanos superpovoados enfrentam então os problemas de habitação, de transporte, de saúde, de educação".

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

"As previsões da FAO falam da fome mundial, se medidas também de caráter mundial não forem tomadas. Dr. Boerma, diretor desta organização, afirma que "o homem vive em sua terra, mas em dois mundos" e de que é imprescindível os incentivos à agricultura de subsistência afim de aumentar a produção

de alimentos. O Canadá e os Estados Unidos têm mostrado grande interesse na chamada "revolução verde".

Aumentar a produção de alimentos é um dos caminhos, um apenas, muito importante e imprescindível, mas ao lado dele deve-se levar em conta muitos outros, como a repressão à poluição ambiental. Aqui no Nordeste é problema quase insolúvel a poluição dos rios. Também está demonstrado que não se melhora o nível de uma população por grupos, mas de modo global. Não chegamos ao ponto de afirmar que a industrialização em nosso meio deva ser detida. Nessa arrancada para o desenvolvimento, em ritmo acelerado em todo o país, esperemos que os poderes dominantes vejam o homem em primeiro lugar. O grande mal da tecnologia é o de ter esquecido o homem".

IRREVERSIBILIDADE

Uma das maiores preocupações do cientista Nelson Chaves é o da irreversibilidade dos desastrosos efeitos sobre o sistema nervoso que a desnutrição provoca. Em seu último

livro, "Sistema Nervoso, Nutrição e Educação", vemos bem claramente esta preocupação pelo destino das crianças — sobretudo as nordestinas — condenadas pela desnutrição ao fracasso na alfabetização e conseqüente marginalização social. Ao seu ver, a luta contra o analfabetismo deve ir de mãos dadas contra a luta à desnutrição, que aqui no Nordeste já se tornou endêmica.

Crianças desnutridas de pais também desnutridos não podem apresentar OI acima do normal. Não se pode dar um rápido desenvolvimento do sistema nervoso por falta de uma alimentação adequada. As crianças que conseguem atravessar a faixa dos primeiros anos vivem no que se convencionou chamar de "estado de fome moderada". Ora, o aproveitamento escolar desses subnutridos fica muito abaixo do desejável. As dificuldades que eles próprios encontram na alfabetização são uma das causas da evasão escolar.

É o homem o fator primordial, ao ver do Prof. Nelson Chaves, Educação, saúde e nutrição devem estar na mira dos programas para o desenvolvimento.

CINEMA

JOSÉ CARLOS TARGINO

Se não mais existissem cópias de um filme como *O Martírio de Joana D'arc* — só para tomar como exemplo a obra-prima de Carl Dreyer — que d'iriam os aficionados do cinema? Certamente que os admiradores do cineasta escandinavo ficariam profundamente decepcionados. Mas, se é verdade que ainda podemos comprovar, vendo o filme sobre a heroína francesa, a maestria de Dreyer, o mesmo não ocorre em relação a outras obras-primas do cinema. É, pelo menos, o que constatou Bhagwan D. Garga, cineasta indiano, crítico e historiador do cinema. Interessado na elaboração de uma antologia do cinema indiano — quantitativamente, o maior cinema do mundo —, Garga fez uma lista de importantes obras da cinematografia daquele país e começou a procurá-las. De início, solicitou a um proprietário de conhecida firma cinematográfica permissão para utilizar extratos dos filmes que procurava. A lista, que abrangia filmes mudos e sonoros, foi devolvida sob a alegação de que nenhum dos filmes procurados fora encontrado. "Horrorizado", diz, "descobri mais tarde que dos 1300 filmes mudos produzidos não restava nem meia dúzia". Portanto, quase todos os filmes estavam irremediavelmente perdidos, dentre os quais *O Sacrifício*, baseado numa peça do poeta Rabindranath Tagore; *O Carrinho de Barro*, adaptação da peça de Sudaraka, escrita em sânscrito (século III-IV d.C.); e um filme sobre a não-violência, *A Ira*, cujo protagonista era inspirado em Gandhi.

"O vandalismo não se limitou ao cinema mudo", diz o constrangido Garga. "Não havia sequer vestígio, por exemplo, do primeiro filme sonoro indiano, *Alam Ara*. Em consequência, a história do cinema indiano tem lacunas enormes, que nenhum tipo de pesquisa acadêmica pode agora preencher".

Infelizmente, porém, o fenômeno não ocorre apenas na Índia. O diretor alemão Fritz Lang lamenta os filmes perdidos de H. d'Abbadie d'Arrast, falecido em 1968: "Seus filmes estão perdidos para sempre, como muitos outros filmes importantes para a arte cinematográfica e seus historiadores, porque a política adotada pelos estúdios é a de destruir os velhos filmes feitos de material inflamável. Mas esses mesmos estúdios, segundo Erich von Stroheim, não vacilam em recuperar porções ínfimas da prata empregada na base de celulóide".

Em 1956, quando do 20º aniversário de fundação da Cinémathèque Française, seu diretor, Henri Langlois, fez um relatório dos filmes perdidos ou destruídos por negligência ou irresponsabilidade.

Garga, também ele, enviou um questionário a diversos arquivos cinematográficos e, como veremos, as respostas foram desalentadoras.

Eileen Bowser, diretora adjunta do Departamento Cinematográfico do Museu de Arte Moderna de Nova York: "Não existe nenhuma lei no país contra a destruição de filmes. Quem dera houvesse, mas é improvável que os mesmos conseguíssemos no sistema atual. Há um certo tipo de depósito legal: se alguém deseja proteger seu filme por meio do direito autoral, tem que depositar uma cópia na Biblioteca do Congresso".

Ilb Monty, Diretor do Museu Cinematográfico da Dinamarca: "Poderíamos fazer uma lista enorme de filmes dinamarqueses perdidos. De uma produção de aproximadamente 1700 filmes mudos, somente cerca de 225 foram conservados".

Jörn Donner, do Svenska Film Institute, de Estocolmo, Suécia: "Vários filmes mudos importantes desapareceram; segundo nossos cálculos, aproximadamente dois terços do total e cerca de metade dos filmes de valor".

Kevin Gough-Yates, vice-diretor do National Film Archive de Londres: "Não há nenhuma lei na Inglaterra que proíba a destruição de filmes... Um grande número de filmes importantes parece ter se perdido, e não somente ingleses. Merton of the Movies, por exemplo, não se pode encontrar, mas a lista é grande. Penso que, se o governo não criar uma legislação que obrigue os produtores a depositar seus filmes nos arquivos nacionais, muitos serão perdidos".

Na Índia, pátria do grande diretor Satyajit Ray, o quadro é desolador. Desde *Alam Ara* a Índia já produziu 11 000 filmes de longa metragem e provavelmente um número igual de curta metragem. A maioria desses filmes não mais existe ou mergulhou num lamentável processo de deterioração. Os laboratórios indianos dos principais centros de produção cinematográfica — Bombaim, Calcutá e Madras — ainda dispõem de centenas de filmes à base de nitrato, que ninguém reclama, mas a inexistência de autorização legal impede que os laboratórios os enviem para uma filмотeca.

Além dos pesquisadores e historiadores, a única pessoa interessada no filme é seu criador. Mas acontece que este não possui nenhum controle comercial sobre ele. E, tomando como exemplo um caso até recente, o francês Jean Renoir (*A Grande Ilusão*) andou desesperadamente à procura de uma cópia do filme *The River*, que o grande diretor rodara na Índia. Constatou, então, que o negativo do filme estava se deteriorando rapidamente, mas o produtor não tinha pressa alguma em evitar a total mutilação da peça. Não dispondo de autorização, o laboratório relutava em tirar uma cópia. Enfim, o filme veio a ser novamente projetado comercialmente, o que evitou a perda definitiva de uma obra-prima.

Para Garga, uma boa parte da culpa cabe às próprias filмотecas, nem sempre preocupadas em salvar todos os filmes: "A maioria dos diretores de filмотecas seleciona os filmes que devem ser conservados, segundo sua preferência pessoal". Tais preferências e preconceitos não são facilmente justificáveis, mesmo porque ninguém sabe quais os filmes que irão interessar aos estudiosos num futuro não muito remoto. Aliás, se todos os filmes mais antigos tivessem desaparecido — digamos, um *A Beira do Abismo*, um *No Tempo das Diligências*, ou um *Encouraçado Potemkin* — Hollywood jamais teria condições de saciar a sua até agora insaciável fome de nostalgia.

A lista de filmes expressivos que só existem nas referências dos historiadores — por exemplo, *O Lirio Partido* (1919) de D. W. Griffith, um admirável pioneiro do cinema norte-americano — é impressionante. De *Atlântida* (1921), do francês Jacques Feyder, uma obra da maior importância histórica, só restam fotografias.

Mas, antes mesmo que as cinémathèques irrompessem em vários países ocidentais — começando pela França em 1936 —, colecionadores particulares já estavam empenhados na tentativa de conservar cópias de filmes, principalmente os atores principais ou os diretores desses filmes; é o caso, por exemplo, da atriz norte-americana Mary Pic-

kford, que guardou cópias da maior parte dos filmes que interpretou e também dos de Douglas Fairbank, seu primeiro marido. Sabe-se ainda que Chaplin possui e explora pessoalmente todos os seus filmes de longa metragem, mas é difícil prever o futuro desses tesouros do cinema.

A já mencionada Eileen Bowser, do Museu de Arte Moderna de Nova York, desperta nossa imaginação para as centenas de filmes americanos importantes considerados perdidos, não necessariamente por terem sido destruídos, mas porque os filmes de nitrato se deterioram facilmente. Diz Bowser: "Há alguns anos organizamos uma exposição de fotografias de cenas de filmes e preparamos uma publicação intitulada *Filmes Perdidos*, para chamar a atenção para alguns filmes importantes desaparecidos; graças a isso pudemos encontrar alguns".

Garga acrescenta que a quantidade de filmes desaparecidos — sobretudo os silenciosos — é maior que a que ficou. Pioneiros da importância de Lumière, Méliès, Feuillade, Ince, Griffith, Sjostrom, Pabst, Chaplin, René Clair e outros possuem trabalhos que, não se sabe se por destruição deliberada ou por mero descuido, nunca mais serão vistos pelos frequentadores das salas de cinema. Por outro lado, algumas renomadas produtoras de filmes, nos Estados Unidos como também na Europa, tiveram a curiosidade de criar e manter grandes e valiosos arquivos, e isso tem permitido nos últimos anos a programação de "reprises" de filmes cujas idades remontam aos primórdios do cinema.

Deixemos que Henri Langlois — fundador da Cinémathèque Française e um dos mais dignos defensores do cinema — demonstre, através do seu próprio exemplo, como deveriam proceder aqueles que, na maioria das vezes beneficiados por uma boa fortuna material, não possuem a necessária sensibilidade para modificar o atual estado de coisas: "O papel mais importante de uma cinémathèque é o de preservar. Muitas coisas que hoje parecem sem valor, com o tempo apresentam uma qualidade que não podemos ver. Baudelaire e a Torre Eiffel são exemplos. Antes da guerra outras cinémathèques tinham muito dinheiro e poderiam ter salvado muitos filmes. Por que não o fizeram? Porque decidiram escolher, enquanto deveriam ter optado por salvar tudo".

Julgar, como criticar, é um jogo. Uma aposta com o futuro. Por isso aceito qualquer filme — não tenho motivos para recusar nenhum. Tenho até filmes que detesto.

Nunca admiti que os filmes não pudessem ser salvos. Uma vez recebi um punhado de velhos filmes e os enviei a um laboratório para que fossem limpos e reenrolados. Foram logo devolvidos. Estão todos colados, alegaram. É preferível jogá-los no lixo.

Ora, sou um mero preparador, não um químico. Peguei os filmes e descolei-os, fotografaram por fotografar, lavei-os e pendurei-os para secar com pregadores de roupa.

Depois disso obtinido, li sobre restauração de filmes — está tudo lá nos livros, mas ninguém se dá ao trabalho de olhar. Todos me diziam que um filme não pode durar mais de 20 ou 30 anos, por que então guardá-lo? Ora, em nosso acervo temos alguns dos primeiros filmes mudos e eles ainda não se deterioraram. (Entrevista concedida a Rudolph Chelminski, da revista LIFE).

Ensino integrado toma lugar do tradicional

— O ensino integrado veio nos possibilitar a eliminação de repetição de assuntos, nos currículos universitários, oferecendo uma série de vantagens em relação ao sistema tradicional. Entre outros pontos, significa uma reestruturação total do conteúdo dos programas de cada disciplina, permitindo um melhor ordenamento das disciplinas afins.

A opinião é do professor Pedro Paulo, coordenador do Curso de Graduação da Faculdade de Odontologia da UFPE. Atualmente, o curso está constituído de 14 unidades curriculares, além de estágios obrigatórios (570 horas) assim distribuídas: 60 horas nos Serviços de Triagem; 60 no de Radiologia; 120 na Clínica Integrada, na Faculdade; mais 330 horas de estágio obrigatório em atividades extra-muros: convênios com outras instituições e entidades, municipais, estaduais, federais e particulares.

MUDANÇAS

A primeira turma que se graduou dentro do sistema de ensino integrado, na UFPE, foi a de 1974, enquanto em 1973 diplomava-se a última turma preparada ainda nos moldes do ensino tradicional. Portanto, a Faculdade de Odontologia da Universidade é pioneira na adoção do método integrado, no ciclo profissional, de acordo com os estudos e projetos nesse sentido elaborados pela coordenação do curso.

Outra vantagem do ensino integrado é que permite ao aluno concluir o curso de graduação, cumprindo a carga horária mínima de 3.240, fixada pelo Conselho Federal de Educação, em apenas sete semestres, equivalentes a três anos e meios.

Novas disciplinas foram criadas enriquecendo o currículo do Curso: Endodontia, Ortopedia dos Maxilares, Periodontia e Gnatologia. Houve desdobramento também de várias disciplinas com vistas a um melhor aproveitamento do ensino.

O professor Pedro Paulo acredita que o ensino integrado pode ser adotado em toda a área de saúde, considerando os resultados positivos alcançados até agora em Odontologia e em disciplinas ministradas no Ciclo Geral da Área-III.

INSTALAÇÕES

O maior empecilho para a expansão da Faculdade de Odontologia são as suas instalações atuais, na Praça do Derby, com um espaço físico insuficiente para o melhor funcionamento das diversas disciplinas e respectivas coordenações — reclama o prof. Pedro Paulo, fazendo votos de que seja feita a sua transferência para a Cidade Universitária, o mais breve possível.



O professor Pedro Paulo, coordenador do programa, conta o êxito do ensino integrado.



RECOMENDAÇÕES

Recentemente, foi realizada uma reunião, de caráter nacional, sobre ensino integrado, na cidade de Garanhuns, interior de Pernambuco, com a participação de representantes das Universidades Federal de Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Santa Maria, Juiz de Fora, Maranhão, Espírito Santo e Rio Grande do Norte, além da Fundação do Ensino Superior de Pernambuco e Escola Paulista de Medicina.

A promoção foi do Departamento de Assuntos Universitários do MEC e da UFPE. Houve discussão dos objetivos, conteúdo dos programas, carga horária e avaliação das Unidades Curriculares do Ensino Integrado nos Ciclos Geral e Básico da Área Biológica.

Foram elaboradas as seguintes recomendações:

I — RECOMENDAÇÕES GERAIS:

1. Que seja revista a carga horária dos diversos cursos da Área Biológica, sobretudo em virtude da adoção do Ensino Integrado;

2. Que as IES propiciem o aperfeiçoamento constante do processo dinâmico da integração horizontal em cada uma das Unidades Curriculares já estabelecidas;

3. Que as IES incentivem os seus professores a desenvolverem e aplicarem meios instrucionais adequados ao processo Ensino-Aprendizagem, respeitadas as características próprias das Instituições;

4. Que sejam propiciadas condições físicas, entre as quais o estabelecimento de laboratórios multidisciplinares, pelas IES como contrapartida ao desenvolvimento do Projeto;

5. Que sejam desenvolvidos em cada IES, com assessoramento do SAAP, sistema de avaliação integrada, tanto para as atividades teóricas, como para as atividades práticas;

6. Que seja estimulada a integração vertical entre os Ciclos Básicos e Profissional, visando a formação adequada do profissional, em obediência aos objetivos de cada curso da Área Biológica, minimizando a distância entre os dois Ciclos de formação;

7. Que as IES mantenham e absorvam gradativamente o pessoal docente nos Regimes Especiais de Trabalho pela COPERTIDE envolvido no desenvolvimento e aplicação dos Projetos de Novas Metodologias e Meios Instrucionais, caracterizados no Plano Setorial da Educação e Cultura como Pesquisas Científicas e Tecnológicas;

8. Que seja reconhecido o valor

do intercâmbio que ocorre entre as IES ao longo dos seminários, estimulando a realização de novos Encontros, sobretudo nas Entidades Novas;

9. Que sejam realizadas reuniões desse tipo a fim de discutir a integração nos Ciclos Profissionais dos diversos Cursos da Área Biológica;

10. Que sejam adotadas as recomendações específicas para as Unidades Curriculares aprovadas pelos grupos de discussão que fazem parte desse documento e respeitadas as características de cada Entidade.

2. RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS Relativas a:

2.1 — Conteúdo

2.1.1 — Que o tópico "Anexos Embrionários" da UC 2 seja desdobrado em duas partes, sendo a segunda ministrada na UC 4M, ficando assim apresentado:

UC 2 — a) Estudo do amnios, saco vitelino, alantóide e cório; b) considerações gerais sobre o cordão umbilical e a placenta.

UC 4M — Estudo do cordão umbilical e da placenta.

2.1.2 — Que o estudo do tecido nervoso na UC 2 preceda o estudo do tecido muscular.

2.1.3 — Que a UC 3 encerre suas atividades com o estudo da homeostase

2.1.4 — Que na UC 3, seja retirada a parte geral de Farmacologia

para ser ministrada com a especial no momento adequado.

2.1.5 — Que a Anatomia na UC 3M e UC 4M seja ministrada por sistemas juntamente com as demais disciplinas integrantes das Unidades e que, caso haja necessidade de complementação a Anatomia seja ministrada de forma segmentar como disciplina paralela.

2.1.6 — Que a Farmacologia integre a UC 3M e UC 4M, obedecendo ao contido no item 2.1.4.

2.1.7 — Que seja adotado o projeto de integração da UC 4 e da UC 5M apresentado pela UFPE, com as modificações aprovadas no Encontro.

2.2 — Avaliação

Que seja realizada de forma integrada e não por disciplina e que na medida do possível as IES procurem alcançar os meios para a realização da avaliação das atividades práticas também de forma integrada.

2.3 — Diferenciação

Que seja realizada apenas a partir da Unidade-Sistemas, permanecendo as Unidades Curriculares 1 e 2 comuns a todos os Cursos da Área Biológica.

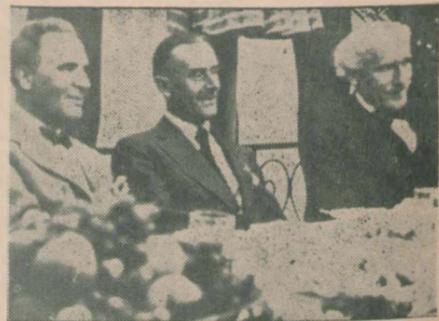
2.4 — Recuperação

Que seja realizada antes do exame final e, além disso, a longo prazo, no semestre subsequente.

UFPE. COMEMORA CENTENÁRIO DE THOMAS MANN



Thomas Mann e sua esposa Katja em 1953



Bruno Walter e Arturo Toscanini, famosos maestros ladeam Thomas Mann, em Salzburg (1953)

Ele é filho de uma brasileira. E, ainda por cima, a crítica especializada o considera um dos maiores escritores ocidentais de todos os tempos. Mesmo assim, suas obras são praticamente desconhecidas em nosso país, principalmente por parte do grande público. Mas logo na primeira

semana de junho, o Instituto de Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, juntamente com o seu Leitorado de Alemão, Consulado da Alemanha e Prefeitura Municipal do Recife resolveram prestar a Thomas Mann significativa e merecida homenagem. O Auditório do Instituto esteve permanen-

temente lotado, numa prova evidente de que os alunos de Línguas e Letras se interessam pelos grandes escritores universais, sobretudo ao saberem que tais escritores são analisados por mestres universitários de indiscutível gabarito.

Vamireh Chacon afirma que "quem primeiro parece ter-se referido a Thomas Mann, em nosso País, foi Alceu Amoroso Lima". Isto ocorreu a 28 de agosto de 1923, com o pensador católico brasileiro fazendo uma alusão às atitudes patrióticas e, paralelamente, anti-belicistas do escritor, sustentadas não apenas no decorrer da I Guerra Mundial, como também por toda a sua longa e frutífera existência. Uns dez anos depois, aproximadamente, editores brasileiros começaram a gravitar em torno da idéia de revelar ao nosso público leitor a obra daquele que, latino por parte de uma brasileira de Angra dos Reis, Rio de Janeiro, nunca conseguiu visitar a terra de sua mãe. No entanto, Gilberto Freyre procurou trazê-lo ao Brasil, aí por volta dos anos 40, correspondendo-se com o jornalista tcheco Lustig Prean, amigo do romancista alemão, ao qual confidenciara que prosseguia, aos setenta anos de idade, "aguardando um momento propício para visitar a terra de minha mãe". Gilberto Freyre manteve vários contactos com pessoas e instituições influentes, mas nada de concreto conseguiu. No início, também a crítica literária brasileira demonstrou pouco respeito pelo autor de "A Montanha Mágica". Otto Maria Carpeaux disse, em 1942, que não vislumbrava, em Thomas Mann, "nenhum pensamento original", acabando por caracterizar o romancista como sendo um "ensaísta frustrado". Semelhante frieza, porém, deu lugar a uma avalanche de críticas altamente elogiosas, a começar pelo próprio Carpeaux, que, em face do romance "Doutor Faustus", mudou radicalmente de opinião, terminando por considerar Thomas Mann "o mais universal dos escritores alemães modernos". Numa curta mas exemplar introdução à literatura germânica, o crítico afirma que o "Doutor Faustus", romance concluído em 1947, é "um grandioso panorama da evolução da Alemanha entre 1880 e 1940, do começo da época moderna até o paroxismo nazista, e tudo isso, por uma fabulosa técnica de construção novelística em vários níveis, simbolizado pelo velho mito alemão de Fausto que vendeu a alma ao diabo. Apenas, esse novo Fausto não é perdoado: a genialidade diabólica paga pela queda para o inferno da loucura e pela destruição do país na Segunda Guerra. 'Doutor Fausto' é a grande epopéia da nação alemã e é um julgamento. Thomas Mann já tinha conquistado o direito de julgar assim: é um clássico, e sua obra clássica servirá, no futuro, de testemunha para justificar o condenado romantismo alemão. Nessa obra de 1947, o equilíbrio da maturidade de 1910 está, depois da grande catástrofe, restabelecido: pelo menos na literatura, na ficção" ("A Literatura Alemã", O. M. Carpeaux, 1963).

Portanto, a partir da reavaliação de Carpeaux, e mesmo tendo em vista o insucesso da tentativa de Gilberto Freyre, a presença espiritual de Thomas Mann, entre os escritores brasileiros, é inegável. José Lins do Rego, Guimarães Rosa e Autran Dourado devem, aqui e ali, alguma coisa ao alemão. Mais explicitamente, o professor Roberto Schwarz escreveu um inteligente ensaio para mostrar as muitas afinidades entre Guimarães Rosa, através do seu romance "Grande Sertão: Veredas", e o "Doutor Faustus" manniano. Também Álvaro Lins, Antônio Cândido e Afrânio Coutinho, entre os veteranos, e os jovens José Guilherme Merquior, Carlos Nelson Coutinho e Eduardo Portela têm demonstrado, em vários dos seus trabalhos, o quanto devemos ao sutil criador de Hans Castorp.

Universidade homenageia escritor
Na sessão de abertura, dia 2, às 15 horas — os trabalhos transcorreram nos dias 2, 4 e 6 —, o Reitor Marcionilo de Barros Lins afirmou que "poucas homenagens são tão justas quanto esta, pois o teuto-brasileiro Thomas Mann possui uma das obras mais admiráveis de nosso século". A conferência inicial foi proferida pelo professor Leônidas

Câmara, da Universidade Católica de Pernambuco, que analisou a obra manniana a partir da concepção do tempo no romance "A Montanha Mágica" (1924). A exaustiva e profunda análise de Leônidas Câmara resultou numa difícil prova para o público presente, na sua maior parte constituído por pessoas desacomodadas não apenas com a obra do escritor alemão, como também com o tipo de abordagem empreendido pelo conferencista. O tema, por si só, já é bastante complexo. Para ele, "A Montanha Mágica" é, no sentido estrito da palavra, um romance verdadeiramente épico, "isto é, o narrador assume uma perspectiva recuada, criando a atmosfera adequada ao desenvolvimento da ação no tempo — sua força dinâmica e sua fábula como materiais que o tempo elabora do mesmo modo como os corpos seguem o seu curso no espaço". E relaciona, por outro lado, as estreitas relações entre o escritor e a música. Pois a grande intimidade de Thomas Mann com a música — ele se considerava um "músico entre os escritores" — serve, segundo o conferencista, "para justificar que o seu primeiro romance da maturidade — A Montanha Mágica — seja uma sinfonia do tempo e da doença, enquanto na obra da velhice — Doutor Faustus — representa a sinfonia da loucura da própria música no lado extremo do seu romance de juventude — Os Buddenbrook —, afinal uma sinfonia da decadência burguesa".

A conferência seguinte coube ao professor e poeta César Leal, que levou em con-



Julia Mann, nascida Julia da Silva no Brasil, e seus filhos Julia Henrique e Thomas Mann (1879)

sideração alguns aspectos da ficção de Thomas Mann — como o amor, a morte, a decadência e o dualismo incessante, entre outros. O conferencista, um ilustre estudioso da obra de Dante, salientou que o leitor de Mann está diante de uma das vigas-mestras da literatura ocidental. Conferiu destaque especial a uma passagem de "A Morte em Veneza" (1912), interpretando como sendo representativa da morte a esquisita figura que surge ao protagonista Aschenbach, num cemitério. "Se no Tonio Kroeger o motivo central é o amor em suas relações com a arte, e a luta do herói resulta de uma tensão bipolar motivada por sua vacilação entre os encantos da sociedade burguesa e a criatividade artística, que afinal triunfa, na Morte em Veneza o amor se desloca para o sentido do belo na arte. Claro que Morte em Veneza é uma obra complexa. Não comporta, portanto, apenas uma, duas ou três interpretações. Como criação estruturada em ca-



Henrique, irmão de Thomas Mann, em Munique (1900)

madas simbólicas extremamente densas, os seus níveis de significado são múltiplos, embora não se possa colocar de lado suas relações com Tonio Kroeger. Segundo creio, o tema central da Morte em Veneza é a busca inútil do belo, no sentido grego da palavra, embora Thomas Mann haja conseguido, ele próprio, alcançar nessa obra tal objetivo", disse. Mas a morte é, sem dúvida, uma das preocupações permanentes da obra do escritor alemão. Há quem diga, inclusive, que esse é o tema central de todos os seus romances, imbuídos ainda de uma cortante e dolorosa ironia. César Leal não concorda com a interpretação dada pelo diretor cinematográfico Luchino Visconti, na sua adaptação de "A Morte em Veneza", ao tema do amor entre o músico Aschenbach — que na novela é um escritor — e o jovem Tadzio. Acredita que o amor do homem idoso pelo ainda imberbe Tadzio retrata, antes de tudo, a procura da beleza por parte de um artista que, no entardecer da vida, chegara à conclusão que todas as suas obras não possuíam sequer uma parcela da beleza encontrada por ele no irradiante menino polonês. Tadzio representaria, portanto, o ideal grego da beleza, inexistente na obra do aclamado Aschenbach.

A conferência pronunciada pelo professor e dramaturgo Ariano Suassuna resultou num caso à parte. Desculpando-se, explicou que não tivera o tempo necessário para elaborar e ler um trabalho sobre as relações entre Thomas Mann, D. Quixote e o Nordeste, tema de sua livre escolha, e partiu para uma bem humorada e inteligente palestra sobre o humor como categoria estética universal. Ao focalizar o romance "As Confissões de Felix Krull, Um Capitão de Indústria", obra-prima da ironia manniana, fez ver que o humor é uma disposição de espírito peculiar a todo e qualquer povo, não constituindo exceção mesmo entre os alemães, um povo cujas obras estão geralmente impregnadas de um profundo sentido de gravidade.

A conferência proferida pelo professor Georg Brauer, do Leitorado de Alemão da UFPE, já é um exemplo da seriedade com que um alemão encara as realizações do espírito. Excepcionalmente metódica e profunda, a análise do professor Brauer formou um visível contraste com a descontraída e irreverente palestra de Suassuna — apenas para confirmar uma observação do próprio autor de "A Pedra do Reino". Georg Brauer investiga os problemas pertinentes à con-

cliação de Espírito e Vida na prosa de ficção de Thomas Mann. Para ele, a oposição Espírito-Vida fica patente logo na primeira obra-prima do escritor, "Os Buddenbrook", concluído aos vinte e seis anos de idade. De certo modo, digamos, de uma maneira não radical, a irreconciliabilidade não deixa de existir sequer em "Felix Krull", um romance picaresco cujas primeiras notas brotaram por volta de 1910, sendo completadas um ano antes da morte do escritor (1954).

O conferencista afirma que "Thomas Mann compreende a ironia como uma forma de reflexão, na qual a objetividade desempenha um papel importante que se baseia em distanciamento e superioridade de espírito, mas que, ao mesmo tempo, deixa claramente reconhecer que o autor sente com os seus personagens". Por outro lado, achá difícil definir o conceito de ironia na obra de Thomas Mann: "O investigador não pode deixar de elevar em consideração os vários trabalhos, as várias fases na sua longa vida de escritor. Nos Buddenbrook, por exemplo, não é a indecisão que determina a ironia do romancista, pois até a sua velhice ele não conseguiu chegar a uma conciliação verdadeira das contradições".

A interpretação de Thomas Mann como pensador filosófico ficou a cargo do professor Daniel Lima. É bem verdade que Mann não foi um filósofo no sentido lato do termo. Mas poucos escritores europeus possuem uma tão densa e profunda sabedoria, um tão esmerado interesse pela salvaguarda da dignidade humana. Benedetto Croce, que lhe dedicou uma sua "História da Europa" (1932), referia-se ao romancista alemão como sendo "um paladino da justiça". O conferencista situa a posição de Mann — o homem e o artista — em meio às atribuições do seu tempo, com o grande escritor mantendo uma atitude crítica serena, discreta, numa tentativa ineficaz de colaborar com a instauração de um mundo melhor, onde harmonia, beleza e justiça predominassem sobre os graves desajustes de então.

E, em 1930, num breve relato autobiográfico, Thomas Mann concluiu: "Posso dizer, entretanto, que nenhum rumor de sucesso jamais me conseguiu ofuscar a compreensão nítida da relatividade dos meus méritos ou adormecer, sequer, a minha autocrítica. Deixemos tranquilamente à posteridade a última palavra sobre o valor e importância da minha obra. Vejo nela apenas o vestígio pessoal de uma luta pela vida travada com plena consciência". Decreto que não lhe faltou o aplauso da posteridade.



Em fevereiro de 1931 Thomas Mann, S. Fischer e Jacob Wassermann

José Carlos Targino, com seu ar de astrólogo da Renascença, os cabelos crescendo mais do que seus versos, (que tem tanto de belos como de escassos) como uma floresta indisciplinada a se derrear pelos seus ombros já derreados de carregar o infame peso deste século, faz versos como um alquimista: dá sempre a impressão de pesá-los grama a grama, como se deles quisesse extrair filigranas de ouro. Pode passar séculos nesse trabalho: mas os olhos enormes, de quem parece ter exercido muito tempo uma perícia escrupulosa, descortinando mistérios numa bola de cristal, lhe servem magnificamente para sondar, entre variadas gamas de palavras, o pulsar muitas vezes pequenino de um ritmo. E, convenhamos, a esse respeito poucos podem ser tão sábios como ele: porque não contente de ter olhos tão grandes para inquirir as palavras, além de uma paciência ainda maior do que eles para pesá-las, se utiliza dos óculos como de duas poderosas lupas para evitar que, em seu verso, se infiltrem vestígios de outros metais menos preciosos.

Seu primeiro livro, "Lírica", nos espanta, pela magreza da constituição, muito mais do que a loba do primeiro canto da Divina Comédia, em sua edição tão franciscana quanto a vida do mártir que o editou, o bem-aventurado Elói Melo, no ano de 1968. Porém, diferentemente da loba dantesca, personificadora da inveja florentina, a magreza de seu livro pertence à linhagem da modéstia. E para casar-se com a modéstia tão recatada do poeta, que dificilmente desejou publicar algo, o seu primeiro livro não poderia ter outra feição. E não houve circunstância mais conforme com o temperamento de José Carlos Targino: ao mesmo tempo conseguiu ser publicado e permanecer inédito. Poemas, entretanto, como "A Morte de Absalão", "Inquisição Diante dos Santos", e "Tentação na Aldeia", entre outros, justificaram, até agora, a publicação do pequenino volume. Dos poetas de sua geração José Carlos Targino é o que apresenta, tanto na forma como na idéia, a concepção poética mais diferente em relação aos padrões de modernidade adotados pelos outros. Sua poesia é deliberadamente arcaica, apresentando mais identidade com os poetas de língua inglesa (na opinião dos nossos poetas que nunca leram um poeta inglês no original) do que com a tradição poética vigente em língua portuguesa. Quanto à ausência de identidade com a última dessas tradições, acredito que todos podem estar de acordo. Temos de admitir que essa lenda que corre a respeito do Targino em Pernambuco derivou-se, talvez, de um poema que ele dedicou a Jack London, mas os nossos analistas deixaram de se aperceber de que em sua poesia, um tanto universalista, há, também, referências ao país de Gales, às princesas nórdicas e à Via Láctea: e eu acho que dificilmente na Inglaterra poderia caber tudo isso.

O universo poético de José Carlos Targino é praticamente inventado por ele. Ele concebe a arte como algo superposto ao real: e, a esse respeito, pode ser chamado de surrealista. Acho que se a poesia deve oferecer alguma vantagem a um poeta, essa terá de ser, pelo menos, a da liberdade que lhe possibilite fazer a sua própria vingança contra o mundo em que vive, ao inventar outro totalmente dissemelhante daquele.

Só poetas entretanto, de uma poderosa fantasia como José Carlos Targino possuem o poder de exercer tal violência sobre a realidade; violência que lhe permite como no poema "O Céu como Pólvora", de seu livro de estréia, colocar "leões rugindo no centro da cidade, flautas tocando sob os braços do Céu", ou como em outro poema do citado volumezinho, "O Ente Amado de Emilliano", a criação de versos como estes: "Teu cavalo morto/ renascerá principalmente/ com o verão nas árvores./ Teu cavalo morto/ renascerá à semelhança de um deus/ deslumbrante e amoroso". Como, por outro lado, as falhas de sua estréia são quase equivalentes aos seus acertos, será aconselhável que o leitor só principie a lê-lo a partir de seu segundo livro "Sortilégios", que nos apresenta o poeta numa feição mais definida e com uma música já definitivamente própria, onde deverão estar já assentados os fundamentos de suas experiências ulteriores. Existe em "Sortilégios", uma originalidade dificilmente encontrada em uma poesia que não fosse, como a dele, deliberadamente arcaica. O seu desinteresse por seus contemporâneos constitui mesmo um estímulo interessante para a sua própria elaboração poética. E a sua fantasia é tão voluntariosa que ele consegue fazer com que os seus arcaísmos se transformem em manifestações da mais legítima modernidade. Trata-se, no entanto, da originalidade de um clássico que não conhece os desequilíbrios próprios de quem faz da poesia um jogo arbitrário só em termos de realização poética. E em arte só há uma arbitrariedade que não deve ser tolerada: a arbitrariedade contra a forma. Porque existem artistas, na sua mania de escamotear e, às vezes, de inverter o próprio sonho, que confundem a descrição de um pesadelo com o pesadelo que eles resolvem estabelecer na linguagem. Quando chamo José Carlos Targino de poeta arcaico, quero me referir à etimologia grega da palavra: arché, que significa princípio; o que é o contrário de mera volta saudosista ao passado. E como esse princípio terá de ser um resultado da competência de cada poeta, só ele poderá instaurá-lo através de sua arte. Dentro desta concepção, até as palavras usadas por José Carlos Targino não pertencem ao acervo dos termos encontráveis, com bastante recorrência, em uma dada geração. Numa poesia como a sua, voltada às próprias origens, e não às circunstâncias condicionadoras dela enquanto fenômeno, o poeta pode não somente dirigir o seu sonho porém, situado em qualquer distância, dispensar a posse e possuir as coisas, confundindo vida e morte no mistério da participação poética: "Mesmo de longe, provo o teu cheiro/De maçã estrelada e morro,/em chamas, pelos degraus da plenitude".

Diante da expressão original da poesia de José Carlos Targino não houve outra solução senão chamá-la de inglesa. Surpreendi-me, por isso, bastante, quando ao ler o poeta Saint-John-Perse, achei-o tremendamente parecido com o nosso poeta. E, para que eu continuasse ainda mais surpreso, José Carlos Targino não conhecia o poeta francês nem sequer pelo nome.

Para semear mais dúvidas no espírito dos leitores do poeta pernambucano, passarei a citar os versos de Saint John Perse, lado a lado com os versos de José Carlos Targino:

Saint John Perse:

"Amei um cavalo — quem era? — e às vezes (pois um animal sabe melhor que forças nos exaltam) ele erguia a seus deuses uma cabeça de bronze: resfolegante, sulcada por um picíolo de veias".

José Carlos Targino:

"Bem-amada brisa, em que concha te escondeste? Um romper-se secreto De ares puríssimos, sem luz de provação, Inclina minha cabeça para o alto..."

Saint John Perse:

"O Rainha, rompe a casca dos teus olhos, anuncia em tua espádua que ela vive! O Rainha, rompe a casca dos teus olhos, são nos propícia, acolhe um altivo desejo, ô Rainha, como um jogo sob o óleo, de nos banhar nus diante de ti, mancebos!"

José Carlos Targino:

E agonizando no louvor da espiga, Retorcendo-se contra a mágoa circular da luz, Como espiral, ah, como espiral, Eu via o falcão: Reunia-se à lua, e era adorável. Pois quando a donzela convocava as criaturas, Salmodando ao redor do fogo, A noite me retinha agonizante e feliz, Para a derradeira cerimônia na orla do mar".

E ainda esta outra extraordinária coincidência: não somente no plano da linguagem, mas até mesmo na concepção do mundo, ambos os poetas se aproximam. Saint John Perse, de maneira mais explícita, e José Carlos Targino, sem saber muito bem, como o outro, para onde o canto do galo ou o da sereia o quer levar, fazem uma poesia de louvor e de restauração da dignidade original do homem. Não faltou a Saint John Perse, como não faltará a José Carlos Targino, quem o chamasse em sua época, aliás bastante recente, de poeta decadentista, simplesmente por não se comprazer num canto de degradação da vida do homem. Numa poesia, restauradora do homem, até na dignidade das palavras, José Carlos Targino há de desconcertar a muitos ao se referir a coisas como "alfageme coxo" ou a aves exóticas como o "falcão". Mas, cada poeta tem o direito de escolher as palavras que bem quiser. Quanto ao falcão, é uma ave que, segundo José Carlos Targino, existe em qualquer parte do mundo, menos no Brasil. Uma das suas maiores tristezas deve ser essa: nunca ter visto uma ave de tal porte pairando sobre os nossos ares. Mas para não estragar o sonho do Targino eu seria capaz de mobilizar todos os outros poetas, catalogados na lista telefônica do Recife, para procurar essa ave adorável, contanto que sua poesia jamais perdesse a magia que possui e que, por certo, não se deriva do falar de aves ou de plantas que não existem em seu nordeste tão árido, mas numa fantasia poética soberanamente forte para inventar tanto essas plantas como essas aves, se estas ainda não existissem.

Valéry Brasileiro

Rainer Maria Rilke escreveu a André Gide: "Eu estava só e esperava... Toda minha obra esperava. Um dia, li Paul Valéry. Vi que minha espera acabou". Nesta declaração estava o profundo lamento de não haver conhecido o autor de O Cemitério Marinho, muito antes.

O Brasil esperava, o brasileiro esperava e eis que sua espera acabou: o pernambucano JORGE WANDERLEY traduziu, muito bem, O Cemitério Marinho, de Paul Valéry, e a Editora Fontana editou, sob a direção artística de Gastão de Holanda e Cecília Jucá. Com a citação destes nomes, na direção artística de um trabalho, estão mencionadas duas das maiores autoridades brasileiras no campo da diagramação, arte final e ilustração. Não se deve deixar de acrescentar, porém, que através de fotos de Walter Firmo, foi recriado, com imagens brasileiras, o ambiente do litoral mediterrâneo de Sète, onde se localiza o Cemitério Marinho, motivo de inspiração dos versos: "Eu me abandono ao reluzente espaço/E ao lar dos mortos, feito sombra passo/Confinado a seus débeis movimentos".

Paul Valéry, descendente de nobres italianos, foi matemático, filósofo, tradutor de Virgílio, pois conhecia profundamente o grego e o latim, e poeta exponencial do simbolismo. Sua obra é considerada a de mais difícil interpretação da Literatura Mundial.

Pois bem, justamente a esse gênio complexo foi JORGE WANDERLEY recorrer para iniciar a Coleção Aqueleto, dedicada à divulgação de textos estrangeiros de poesia.

O trabalho do poeta recense é de ótima qualidade, uma vez que demonstrou que "traduzir não é apenas o conhecimento do vernáculo, mas também da cultura". JORGE WANDERLEY com-

provou o conhecimento do francês e da França do século passado e do próprio movimento simbolista, base estas que lhe credenciam para traduzir também La Solrés avec Monsier Teste, outra obra-prima de Valéry, em prosa. E por que não incluir também obras de Rimbaud, Mallarmé e Verlaine? O importante é que JORGE WANDERLEY continue escalando o mistério da palavra, em qualquer língua, a fim de alcançar diamantes imperceptíveis que possam adicionar à cultura nacional. Traduzir Paul Valéry, impondo o mesmo esquema dos ritmos e das rimas, do original, sem desprezar a idéia, só um poeta de profunda cultura e de sensibilidade, talvez maior, como JORGE WANDERLEY. Emociona-me ver trabalhos como este.

Já na apresentação, feita por João Alexandre Barbosa, há pontos contrastantes. Vejamos: "Desfeito o encanto, aí está o poema, trazendo a marca, contudo, de uma

insatisfação explícita do autor que não é dada ao crítico desconhecido. Não para que se sirva disto a fim de realizar uma leitura paralela à do autor: a sua deve ser feita a partir daquilo que se apresenta como poema e não daquilo que, por acaso, tenha ficado vagando nas intenções conscientes do poeta".

Aqui falo como poeta: jamais escrevi um poema no qual as palavras utilizadas dissessem pura e simplesmente o que sua etimologia se presta a representar. Para mim todas elas possuem, como logaritmo verbal, uma base e um expoente. Quando digo, por exemplo: Não se tema Incondicionalmente a treva/pois é a única que engravida a noite/e faz parir para os homens as auroras... não falo absolutamente em treva, gravidez, parto, noite, nem aurora. O poeta pensa, nasce-lhe a idéia, então ele pausa, levemente, nas palavras, pré-moldadas, e es-

prala o pensamento sobre a vida.

Quando assim falo, não me refiro a poetas de palavras bonitas, com rimas e ritmos, mas óbvias.

Refiro-me a poetas que mergulham dentro de si mesmos, sem medo da própria intimidade, e reconhecem: "Como no gozo o fruto se dissolve,/E em delícia sua ausência se resolve/Na boca em que se extingue sua forma,/Sorvo aqui o futuro dos meus fumos,/ e sem nenhum recelo constrói o seu Templo do Tempo, expresso num suspiro" onde se possa ver "Esse teto tranquilo, onde andam pombas".

Teto ou horizonte? Pombras ou barcos? Não importa. Importa que se possa gritar: "Que recompensa após o pensamento,/Olhar a paz dos deuses", zombando-se inclusive desta "Magra imortalidade, negra e de ouro/Consoladora horrível em seus louros".

Nestes Poetas a palavra deixa de existir como representante de uma idéia e passa a ser um símbolo mudo em si próprio, mas mímico, plástico, evolutivo, capaz de sozinho ou em conjunto transportar o espírito humano ao invisível mundo das coisas mais reais. Aquela lugar que os avisados chamam de "mundo dos poetas". Mas que outro não é senão o âmago da realidade.

Este foi o caminho de Paul Valéry e que JORGE WANDERLEY andou de pés descalços, sentindo a carne da terra.

Paul Valéry não tinha, como sabemos, uma nacionalidade pura: era um cidadão do mundo. Sua obra, a exemplo do autor, também não tem pátria, porque poesia não tem pátria, sua pátria é, antes de tudo, o coração dos homens. JORGE WANDERLEY conferiu a O Cemitério Marinho a cidadania brasileira.

La Greca, um clássico no amor e na arte

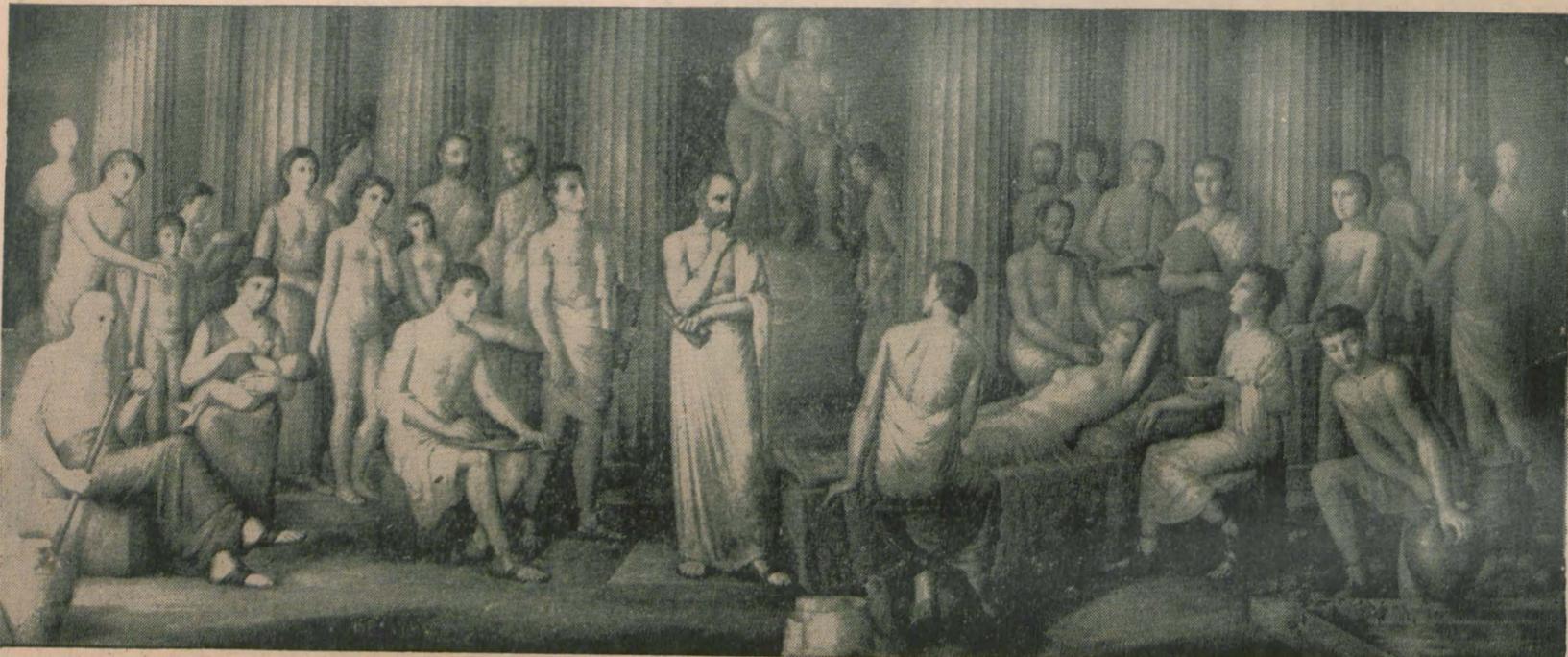
Fundamentando a sua obra em temas históricos, mitológicos e sacros, Murillo La Greca é um verdadeiro renascentista que faz tremendo esforço espiritual para se reportar a essa época que o tempo, com sua pressa, sepultou sob suas dobras movediças. O seu amor à esposa morta, Silvia, que era também artista como ele — tão extraordinário a ponto de exigir para o seu passaporte o estado de casado, em vez de viúvo, por considerá-la ainda viva e ao seu lado — é um sentimento não muito encontrado nos tempos modernos que, em suas múltiplas solicitações, acabaram por sepultar entre tantas possibilidades a possibilidade daquele amor não somente clássico mas eterno. Também clássico e mediterrânico em sua arte, Murillo La Greca, tanto quanto no amor que lhe move o espírito, é herdeiro de uma tradição artística que possui hoje os mais raros seguidores.

Nascido a 3 de outubro de 1901 em Palmares, Pernambuco, começou a pintar aos 12 anos. Aluno de Carlo de Servi, em 1917, frequentou no Rio de Janeiro os ateliers de Bernadelli, Enrique Rodolfo e Felix, tendo sido através des-

ses artistas apresentado a Pietro Brugo que o recebeu, em Roma em 1920, e o lançou no meio artístico italiano. Foi aluno do Real Instituto de Belas Artes e da Academia do Nu da Associação Artística Internacional, também em Roma. Companheiro de quarto de Cândido Portinari, no Rio de Janeiro, ainda mantém por aquele artista grande admiração, apesar de Portinari haver seguido um caminho diametralmente oposto ao dele: o do deformismo na pintura. Teve posteriormente um dos seus quadros mais famosos comprado pelo Governo de Pernambuco: "Últimos Fanáticos de Canudos". No período compreendido entre 1936 a 1939 voltou à Europa, tendo realizado exposições em Roma, Florença, Nápoles e Munich. É autor dos afrescos da Basílica de Nossa Senhora da Penha, no Recife, sobre o tema dos quatro Evangelistas, cada grupo compreendendo 18 metros quadrados de superfície. Como pintor de afrescos, apurou sua técnica com o professor Emilio Notte, Catedrático de Decoração da Real Academia de Belas Artes de Nápoles.

Fundador da Escola de Belas Artes no Recife, em 1932, é Professor aposentado de Modelo Vivo. Os pintores que

ele mais admira são Ticiano, Tiepolo, Brangwin, Monet, Domenico Morelli e Antonio Mancini. Pintor de retratos, paisagens e nus, La Greca é profundamente marcado pela arte italiana. Considerando-se um adepto do impressionismo, e utilizando cores numa combinação que o distingue dos mestres da Renascença, Murillo La Greca é um dos raros brasileiros entendidos na difícil técnica dos afrescos, feita com tinta sobre a argamassa úmida, que absorve oferecendo aquela transparência de cores jamais atingida pela pintura a óleo. Entre as suas obras mais importantes destacam-se: "A Hora Nova", do Convento de Capuchinhos no Recife; "A Execução de Frei Caneca"; "São Francisco de Assis Falando aos Pássaros" e "Fonte da Castalia". A sua última obra, começada no Reitorado do Professor Amazonas, em 1970, tem por título "Hipócrates", o criador da Medicina Científica. O quadro representa o Mestre no recinto do Sanatório anexo ao templo de Asklepios — deus da Medicina — na ilha de Kós, na Grécia em 300 antes de Cristo. Esse quadro, que já se encontra em fase de conclusão, será entregue ainda este ano à Universidade, fechando com chave de ouro o Reitorado do Professor Marcionilo Lins.



Histórico

O assunto do quadro é sugestão do então Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Joaquim Amazonas, quando se encontrava em fase de acabamento o edifício da Faculdade de Medicina.

A concepção, ou seja, a idéia da composição, é exclusivamente do autor, que logo iniciou os primeiros estudos baseados na História e na observação direta das figuras que compõem o quadro. O Reitor Amazonas assistiu apenas à execução do projeto e pode apreciar os estudos, não lhe sendo possível acompanhar o andamento da execução definitiva do quadro, pois, lamentavelmente, veio a falecer.

Os repetidos e meticulosos estudos e toda a primeira fase da tela — monocromada — foram feitas ainda no atelier do artista. A segunda fase, ou seja, a coloração, tem sido elaborada no recinto onde se encontra a tela atualmente, engrandecendo a Sala de Congregação dos professores.

Para levar a efeito esta obra de uma precisão incalculável, lembra o estudante Carlos Alberto Barreto Campelo de Mello, que acompanhou a obra — La Greca deparou-se com diversas dificuldades. Inicialmente, na aquisição do material específico adequado; em seguida, na deficiência dos modelos, isto é, figuras que correspondessem aos personagens que compõem o quadro; outro impasse — o tecido da tela apropriado e devidamente preparado para receber a pintura, sobretudo em se tratando de um quadro de grandes dimensões (7,00x3,50). Esta tela foi encomendada na Bélgica, pela casa "Le Franc", de Paris.

O autor teve como auxiliar, na primeira fase, a esposa Silvia, também artista; na segunda, naturalmente, grande foi o vácuo, com a ausência da inesquecível esposa e colaboradora, mas inspirado na dedicação desta excepcional criatura e respeitando o seu grande desejo e idealismo em ver a obra conduzida e, nutrido deste mesmo ideal, La Greca prosseguiu na execução; teve nesta fase como auxiliar, na parte material, seu companheiro e amigo Hamilton.

A obra foi interrompida por mais de uma vez, sendo o maior período em consequência da enfermidade e desaparecimento de sua esposa, com reflexos na saúde do autor.

Um quadro complexo como este exigiu do artista grande esforço, inclusive físico, tendo que passar diariamente, quatro horas seguidas, subindo e descendo uma escada com tintas, paleta e pincéis — cuidados todos os dias. Tem sido recompensado este extraordinário artista pela satisfação — como pintor idealista que é — de procurar realizar uma obra de tamanha envergadura e responsabilidade e elevada sensibilidade.

A obra

Sobre o quadro, a palavra do autor: O tema do quadro foi sugerido pelo prof. Dr. Joaquim Amazonas, então Reitor da U.F.PE. A concepção compositiva é de nossa autoria. Acharmos mais indicado adotar na composição o conceito filosófico — estético em oposição ao médico — realista, primeiro porque Hipócrates era antes de tudo filósofo e esteta e depois para que os professores de medicina possam encontrar no quadro um relativo repouso emocional, em se tratando de uma Sala de Congregação de Professores. A cena apresenta o Mestre circundado de alunos, alguns pacientes a serem examinados e outros já beneficiados pela medicina hipocrática. Cada figura responde com a sua atitude e com os seus atributos a uma significação, de acordo com os princípios da Medicina da escola de Kós.

No centro da composição — de pé; no primeiro plano, o hierático vulto do Mestre. A sua esquerda, sentado, em plano mais proeminente de toda a cena, Tessalos, um dos filhos do sábio, em atitude de indagação; entre Tessalos e o Mestre, uma paciente estendida na mesa médica; logo atrás da paciente, Políbio, seu genro. Do lado oposto, Dracus, outro filho. Continuando, o HÍDRÓFORO, isto é, o que, com a hidria, colhe o líquido vivificador da fonte, figura angular, à esquerda do quadro. Atrás, em plano secundário, outros alunos e o RISO-TOMISTA, ou seja, o que conduz ervas medicinais. Do lado direito do Mestre, no primeiro plano, o ESCRIBA anotando instruções do sábio; seguindo, à direita, a figura de uma progenitora com um filho no regaço, representando A MATERNIDADE; atrás

em segundo plano, duas figuras de adolescentes, despidas, prontas para se submeterem ao exame preventivo, já Instituído por Hipócrates, e mais atrás, outros alunos. À direita, um jovem conduz um adolescente, e, continuando nesta mesma ala, em primeiro plano, a figura de um ancião em atitude de repouso, representando A SENECTUDE, já amparada pela medicina hipocrática, figura angular do lado direito. Ao fundo, no ápice da composição, um grupo escultórico (*), Euculápio e Higieia, deusa da saúde.

A composição, no sentido técnico, foi esquematizada em dominantes frontais. As linhas geométricas que partem dos ângulos da base do quadro se conjugam no vértice, onde se ergue o grupo escultórico, descrevendo uma pirâmide.

Procuramos por em evidência a estrutura anatômica de cada figura, respeitando a canônica das proporções do corpo humano criada.

(*) Este grupo encontra-se, atualmente, em uma das galerias do Museu do Vaticano, em Roma e adotada pelos artistas e a Eugenia — ciência considerada moderna, mas, na realidade, já conhecida e usada largamente, (na Grécia) naquele luminoso período.

Procedendo deste modo, julgamos ter realizado um conjunto em observância às leis da Eúritmia — harmonia da dinâmica e a proporção — como o assunto o exige.

Dados Biográficos de Hipócrates

Hipócrates nasceu e viveu na Grécia, no IV século antes da era cristã. "Naquela época gloriosa da Grécia, quando Péricles dava novo impulso às artes Heródoto e Tucídides escreviam as páginas imortais de suas histórias, Fidias esculpia no mármore as formas puras do ideal helênico de beleza, Sófocles e Eurípedes abaiavam as almas da multidão, e como que um impulso para a grandeza e a glória e um esforço para a liberdade e a beleza percorriam toda a Grécia, eis que surgia também um médico, ao mesmo tempo o mais sábio e experiente na sua arte. Do mesmo modo que aqueles grandes homens gravaram de modo indelével suas individualidades na história do seu país, a de sua arte, assim Hipócrates, o médico e o mestre, dominou as escolas e a medicina de sua época. Ele se eleva acima da medicina sacerdotal e da empirica e reúne, em sua pessoa, idealizada através dos séculos, todos os conhecimentos do passado. Caminhando para novas investigações e conceitos, ele se impõe como a personalidade médica mais importante e completa da antiguidade". (História da Medicina — Prof. Arturo Castiglione).

Hipócrates foi o iniciador da verdadeira medicina científica, baseada essencialmente na experiência clínica e no raciocínio filosófico, rompendo com o empirismo na arte de curar. Como se sabe, até então a medicina era teúrgica, empírica ou mágica e exercida por sacerdotes do deus da medicina, Asclépio (Euculápio) e por leigos.

Hipócrates era também um sacerdote de Asclépio — e, apesar de ser um inovador da arte de curar, não desprezou a tradição, permanecendo fiel ao seu culto exercendo sua profissão num sanatório anexo ao templo de Asclépio, situado na ilha de Kós no mar Egeu.